



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

LUIZA AMBROSI RODRIGUES

**SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO:
a patrimonialização de um espaço edificado a partir
das relações da comunidade**

Porto Alegre
2018

LUIZA AMBROSI RODRIGUES

**SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO:
a patrimonialização de um espaço edificado a partir
das relações da comunidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Profª. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Karla Maria Müller

Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Jeniffer Alves Cuty

Chefia Substituta Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Ana Celina Figueira da Silva

Coordenadora Substituta Marcia Regina Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Ambrosi Rodrigues, Luiza
SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO: a patrimonialização de um
espaço edificado a partir das relações da comunidade
/ Luiza Ambrosi Rodrigues. -- 2018.
60 f.
Orientador: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. comunidade. 2. identidade. 3. patrimonialização.
4. imigração italiana. 5. Santuário de Caravaggio. I.
Gelmini de Faria, Ana Carolina, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
Telefone (51) 33085067
E-mail: fabico@ufrgs.br

LUIZA AMBROSI RODRIGUES

**SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO:
a patrimonialização de um espaço edificado a partir
das relações da comunidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em _____ de _____ de 2018

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

Prof^a. Me. Marlise Maria Giovanaz - UFRGS

Museóloga Caroline Zuchetti

AGRADECIMENTOS

Para a conclusão do presente trabalho agradeço a colaboração dos entrevistados Janete de Fátima Castilhos, Maria Luiza Zanatta Tieppo, Paulo Ricardo Ferrari e Thomas Henrique de Souza Rodrigues, que enriqueceram minha pesquisa.

Também aos meus familiares, em especial ao meu avô Oscar Antonio Ambrosi, que com suas histórias cativou meu interesse pelo passado, influenciando na minha escolha pela Museologia.

Por fim, à orientadora deste trabalho Ana Carolina Gelmini de Faria, que me auxiliou do melhor modo possível, se fazendo sempre presente e disposta ao longo de todo período de pesquisa e escrita.

RESUMO

Esse trabalho identifica as relações que potencializam o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, situado em Farroupilha/RS, enquanto patrimônio cultural. Demanda quais aspectos materiais e imateriais indicam a apropriação desse espaço por parte da comunidade e seus frequentadores. Questiona como esse espaço é percebido no imaginário da população. Para isso, analisa o modo como as relações entre comunidade, visitante e espaço alicerçam valor ao Santuário na perspectiva patrimonial. Identifica quais aspectos culturais e históricos indicam uma relação entre a comunidade e o Santuário. Investiga qual a percepção dos moradores e visitantes perante o espaço. Reflete acerca da patrimonialização a partir das relações materiais e imateriais. A investigação se utilizou de documentação direta e indireta baseada em revisão bibliográfica e análise de fontes documentais. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com abordagem qualitativa, buscando-se interpretar o fenômeno e apresentá-lo por meio de dados qualitativos. Para o embasamento teórico foram trabalhados conceitos como representação, imaginário, patrimônio, identidade, sempre direcionados à perspectiva comunitária, utilizando-se autores como Hugues de Varine, Sandra Jatahy Pesavento, Bruno Brulon Soares, Tereza Scheiner e outros. Conclui que a comunidade permeou a história do complexo de Caravaggio, e vice-versa, tornando-se um espaço de reafirmação identitária e difusão cultural, por meio de eventos como as romarias e a recente edificação denominada Memorial dos Devotos. Para além disso, identificou a comunidade como agente política por meio das reivindicações e campanhas por ela estabelecidas. Ainda, o papel dos turistas foi constatado como significativo por fomentar economicamente e culturalmente o local. Essas variadas relações demonstraram-se efetivas na patrimonialização do espaço enquanto bem tangível, sendo sua materialidade valorizada a todo momento por meio das dinâmicas coletivas.

PALAVRAS-CHAVE

Comunidade. Identidade. Patrimonialização. Imigração Italiana. Santuário de Caravaggio.

ABSTRACT

This work aims to identify the relationships that value the Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, located in Farroupilha / RS, as a cultural heritage. It identifies which material and immaterial aspects indicate the appropriation of this space by the community and its regulars. It questions how this space is perceived in the imagination of the population. Therefore, it analyzes how the relations between community, visitor and space value the Sanctuary in the patrimonial perspective. It identifies what cultural and historical aspects indicate a relationship between the community and the Sanctuary. It investigates the perception of residents and visitors regarding space. It reflects on patrimonialization as from material and immaterial relations. The research used direct and indirect documentation based on bibliographic review and analysis of documentary sources. It also performed semi-structured interviews with a qualitative approach, seeking to interpret the phenomenon and present it through qualitative data. For the theoretical basis, concepts such as representation, imaginary, patrimony, identity, always focused on the perspective of the community were worked with authors like Hugues de Varine, Sandra Jatahy Pesavento, Bruno Brulon Soares, Tereza Scheiner and others. It concludes that the community has permeated the history of the complex of Caravaggio, and vice versa, becoming a space for reaffirmation of cultural identity and diffusion, through events such as pilgrimages and the recent building called Memorial dos Devotos. In addition, the community has been identified as a political agent through established claims and campaigns. Moreover, the role of tourists was considered significant because it economically and culturally promotes the place. These varied relationships proved effective in the patrimonialization of space as a tangible patrimonial, being its materiality is valued at all times through collective dynamics.

KEYWORDS

Community. Identity. Patrimonialization. Italian immigration. Santuário de Caravaggio

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Localização das Colônias de Assentamento	17
Figura 2	Mapa do Loteamento da Linha Palmeiro	18
Figura 3	Escultura de Pietro Stangherlin e quadro de Natal Faoro, atualmente dispostos no Santuário	20
Figura 4	Livro de Registro do nome dos Sinos	22
Figura 5	Fotografia da construção do Santuário e Família Vieceli	24
Figura 6	Representações da Santa	27
Figura 7	Capela Virtual	28
Figura 8	Localização Trevo de Caravaggio	30
Figura 9	Localização da Rodovia dos Romeiros	32
Figura 10	Complexo de Caravaggio	35
Figura 11	Interações com o território	36
Figura 12	Memorial dos Devotos	38
Figura 13	Capela antiga	39
Figura 14	Resultados do processo	40
Figura 15	Espaço Livrai-nos do Mal	42
Figura 16	Sala Santo Sepulcro	43
Figura 17	Placa informativa da Torre do Campanário	44
Figura 18	Romaria Votiva	48
Figura 19	Vista dos fundos do Santuário e escultura da Santa em produção	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DEVOCIONAL COMUNITÁRIO...	15
3 A COMUNIDADE: PATRIMÔNIO DE CARAVAGGIO.....	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE A – Termo de Autorização para Uso de Informações.....	58
APÊNDICE B – Estrutura da Entrevista 1.....	59
APÊNDICE C – Estrutura da Entrevista 2.....	60

1 INTRODUÇÃO

Na comunidade de Caravaggio, em Farroupilha (Rio Grande do Sul - RS), se situa o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio. Sua localização remete a um dos lotes de assentamento de imigrantes no século XIX, na Linha Palmeiro, uma das vias mais antigas do RS.

Desde os seus primórdios, em 1879, sua história se entrelaça fortemente com a trajetória das comunidades da antiga Colônia Dona Isabel, atual município de Bento Gonçalves, e Colônia Nova Vicenza, atual município de Farroupilha. O engajamento dos primeiros imigrantes italianos tornou possível a construção da primeira Capela, e posteriormente da Igreja¹, e até hoje, tanto a população local, quanto visitantes, mantêm antigas tradições e se envolvem nas questões patrimoniais do espaço.

Uma dessas tradições é a romaria, realizada anualmente, a partir do ano de 1899, quando, em função de uma seca que já durava mais de seis meses, a comunidade se reuniu em caminhada pedindo pela chuva, graça alcançada no mesmo dia. Assim, tanto em forma de agradecimento, como para solicitação de graças, peregrinos de todo o Brasil e até do exterior ainda se reúnem em peregrinação rumo ao Santuário. Tal movimento fortalece as relações identitárias dentre a comunidade e reitera a cultura local.

Ademais, essa força comunitária também está presente no caso da “santa feia”, ocorrido entre os anos de 2008 e 2015, ocasião em que foi instalada uma escultura de Nossa Senhora de Caravaggio com a camponesa Joaneta². Por ser considerada malfeita, gerou indignação na população, que resolveu juntar recursos financeiros coletivamente a fim de substituí-la.

Essas duas circunstâncias manifestam os meios como esse grupo social se organiza perante o Santuário e o vínculo afetivo que foi construído e é transmitido de geração em geração. Também, o contexto histórico da imigração italiana, no qual a

¹ Termo usado para se referir ao Santuário, levando em conta que um Santuário é uma igreja de grandes proporções, que abriga relíquias e homenageia um santo padroeiro. Já as Capelas não se caracterizam como “igrejas”, em função de sua pequena e simplificada estrutura.

² A aparição se deu no município de Caravaggio, na Itália, enquanto Joaneta, camponesa que se encontrava em estado de sofrimento e humilhação devido as agressões do marido Francisco Varoli, colhia pasto. Nossa Senhora lhe dá a missão de ser porta-voz da paz aos governantes e ao povo. Em seu local de aparição surgiu uma nascente de água, considerada curativa, e roseiras.

luta pela sobrevivência se fez bastante presente, em função da localização geográfica dos assentamentos, culminou em uma relação tão intensa com a fé por parte dos italianos e seus descendentes, quanto a que possuíam na sua pátria de origem.

A expressividade da fé inclusive permeia o imaginário popular, por meio de relatos de um exorcismo que teria ocorrido no espaço. A história é contada principalmente entre os mais velhos, e novamente se fala a respeito de um convite à comunidade, por parte do padre, com a finalidade de ajuda através de orações a fim de libertar a moça acometida. A oralidade, portanto, é o modo principal da história se perpetuar e fortalecer um imaginário local singular, que tem o Santuário como referência.

Além disso, a diocese responsável reconhece a importância da atuação de seus fiéis nos tempos atuais, por meio da inauguração de um Memorial dos Devotos, em 2017, organizado com a participação de uma museóloga, que preserva variados objetos referentes a graças alcançadas, e dos espaços “Livrai-nos do Mal” e “Santo Sepulcro”, instituídos em 2018. Esses locais apresentam itens dispostos expograficamente ao público, como fotografias, indumentária litúrgica, cartas e outros.

Assim, percebe-se o espaço como patrimônio cultural, a partir de sua materialidade, mas, principalmente, em razão do relacionamento que a comunidade que o rodeia produz, preserva e difunde. Levando em conta que a Igreja não é tombada e a romaria é registrada em nível municipal pela cidade de Caxias do Sul (por onde passa um de seus possíveis percursos), torna-se um desafio compreender as relações materiais e imateriais instituídas pela população com esse local.

O Santuário de Caravaggio não se caracteriza apenas pelo patrimônio edificado, pois as memórias a ele vinculados se estendem pela extensão de toda sua paisagem que envolve desde a escultura da santa, as edificações e a comunidade do seu entorno. Deste modo, analisá-lo a partir de uma perspectiva museológica e patrimonial trará um novo entendimento a respeito do mesmo, e da possível patrimonialização existente.

Perante essa conjuntura, na qual o objeto de estudo se encontra como um espaço de atuação para a sociedade, são levantadas as questões: É possível identificar as relações que potencializam o Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio enquanto patrimônio cultural? Que aspectos materiais e imateriais

evidenciam a apropriação desse espaço por parte da comunidade local e seus frequentadores? Como esse espaço é percebido no imaginário da população?

Para entender esses processos se estabelece como objetivo geral analisar o modo como as relações entre comunidade, visitantes e espaço alicerçam e agregam valor ao Santuário de Caravaggio na perspectiva patrimonial. Determinam-se como objetivos específicos: identificar quais aspectos culturais e históricos indicam uma relação entre a comunidade e o Santuário; e investigar qual a percepção dos moradores e visitantes perante o espaço. Por fim, se tenciona refletir acerca da potencialização do mesmo enquanto patrimônio material a partir das relações imateriais envolvidas em seu contexto.

Essa temática e suas problematizações tornaram-se relevantes por uma questão pessoal. Como moradora da região serrana, que cresceu vivenciando as tradições dos imigrantes italianos e ouvindo histórias dos avós acerca dos milagres e acontecimentos dessa e outras localidades religiosas, tornou-se essencial à minha própria identidade a pesquisa e apropriação do lugar. O curso de Museologia propiciou, nesse sentido, a oportunidade de visualizar o objeto de estudo como algo abrangente, resultante de relações complexas entre frequentadores e território, e como local favorável ao exercício, não só da fé, mas de preservação da cultura local, atividades turísticas e dinamicidade cultural.

Além disso, as vastidões de possíveis fontes de pesquisa, a exemplo de bibliotecas municipais da região serrana e o próprio Santuário, com ênfase no Memorial dos Devotos e todo seu acervo, alicerçam a análise do objeto de estudo. Por fim, a romaria possibilita o contato direto tanto com a comunidade local, como com frequentadores externos, dando voz ao principal agente social do trabalho em questão.

Para a realização desta pesquisa foi proposto um estudo de caso, de cunho exploratório e descritivo, a fim de se analisar e interpretar um fenômeno e apresentá-lo por meio de argumentação com dados qualitativos. Foi consultada documentação direta e indireta, baseada em revisão bibliográfica e a análise de fontes documentais disponíveis no Santuário, a exemplo de documentos e o próprio acervo do Memorial dos Devotos. Assim, tanto a documentação, quanto as memórias da comunidade foram utilizadas.

Também foram elaborados diferentes roteiros de entrevistas semiestruturadas, por meio de abordagem qualitativa, pertinentes a cada

entrevistado. Dentre os selecionados constam Thomas Henrique de Souza Rodrigues, nascido em Minas Gerais e morador de Caxias do Sul, que vêm realizando as romarias há quatro anos; Maria Luiza Zanatta Tieppo, moradora de Bento Gonçalves, que presenciou e ouviu acerca dos fenômenos ocorridos no Santuário; Janete de Fátima Castilhos, moradora de Bento Gonçalves, que já deixou um ex-voto no local; e Paulo Ferrari, morador e comerciante da Linha Palmeiro. Alguns trechos de entrevistas concedidas para outras pesquisas foram retirados de livros e também utilizados como fontes indiretas. Esperou-se assim atingir diferentes pontos de vista relacionados ao vínculo entre espaço e comunidade.

Ademais, foi realizado um diário de campo, documentando uma visita realizada por meio de fotografias e anotações, na qual o itinerário realizado foi descrito conforme percepções pessoais. Buscou-se analisar os usos dos frequentadores e as edificações.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo é introdutório, apresentando o objeto de estudo, os objetivos da pesquisa, suas problemáticas, motivações, relevância na área e bases teórico-metodológicas de investigação. Em seguida, no segundo capítulo, intitulado **A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DEVOCIONAL COMUNITÁRIO**, o cenário histórico-cultural foi aprofundado, relatando os primórdios e a expansão do Santuário ao longo dos anos, tanto quanto as dinâmicas e eventos que ocorrem no local.

O terceiro capítulo, denominado **A COMUNIDADE: PATRIMÔNIO DE CARAVAGGIO**, contou com a investigação acerca do entendimento das pessoas, tanto comunidade, quanto visitantes, a respeito do espaço, abarcando suas percepções, memórias e usos. Também se ponderou sobre o quanto toda materialidade envolvida na conjuntura do Santuário o potencializa como patrimônio imaterial. No último capítulo, **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, foi recapitulado o conteúdo tratado e reflexionadas as conclusões obtidas.

A reflexão proposta envolveu conceitos norteadores para o desenvolvimento da pesquisa, como patrimônio (GONÇALVES, 2003), comunidade (VARINE, 2000) e imaginário (PESAVENTO, 1995). Dessa maneira, o conteúdo foi disposto e investigado de forma a apresentar uma temática recorrente e essencial à Museologia e o campo do Patrimônio: a patrimonialização.

A pesquisa se justifica, no campo museal, no fato de valorizar as próprias pessoas como patrimônio, bem como as relações materiais e imateriais vinculadas

ao Santuário, indo ao encontro da Museologia Social. Também, o local ainda não foi estudado perante uma concepção museológica, apesar de apresentar, por exemplo, aspectos expográficos, conforme o Memorial dos Devotos. A possibilidade de visualizar territórios e suas relações humanas no âmbito museológico enriquece o interesse da sociedade pela área, que passa a valorizar e tomar como seu os patrimônios.

2 A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DEVOCIONAL COMUNITÁRIO

A imigração italiana na Serra Gaúcha data, conforme Decó (1994), de 20 de maio de 1875, quando era fiscalizada pelo Império Brasileiro. Apesar disso, anteriormente a esse período, sabe-se que alguns italianos vinham clandestinamente ou por conta própria. Os motivos de sua alocação nessas terras resultam de um cenário nacional e estrangeiro que corroborou politicamente, economicamente e culturalmente para que tais movimentos populacionais ocorressem, conforme será descrito a seguir.

Na Europa, com a transição do Sistema Feudal para o Capitalismo, a partir da Revolução Industrial Inglesa no século XVIII, os países foram afetados categoricamente, de modo que a parcela da população responsável pela criação de animais e o cultivo, além de não possuir retorno financeiro, teve que se adaptar às novas habilidades e estilo de vida exigida pela produção industrial (CAXIAS DO SUL, 2016). Especificamente na Itália, a partir da segunda metade do século XIX, se iniciou um processo de unificação de reinos, buscando padronizar leis, moedas, idioma e sistema político. Entretanto, algumas das terras eram governadas pelo Império Austro-Húngaro, o que causou conflitos ao longo de muitos anos. A unificação se consolidou apenas em 1870, mas as dificuldades continuaram, já que nem todos austríacos queriam deixar suas terras, as diferenças culturais entre povos das microrregiões se mantinham, e o próprio desenvolvimento econômico entre o norte e o sul da Itália era discrepante (DECÓ, 1994).

Nesse contexto, tanto em função da Revolução Industrial, quanto da Unificação de Reinos, os italianos viviam em condições miseráveis, servis e se encontravam desgastados politicamente, o que incentivava uma busca por novas oportunidades fora daquele país:

Vendo o crescimento dos andarilhos, sem terra e sem trabalho, diante da agressividade de muitos, o governo promoveu a imigração, expatriando para as Américas, de acordo com o número de habitantes de cada comunidade, 350, 250, 150 filhos, esposas, avós e avôs: uns apresentavam-se voluntariamente, outros esperavam convocação e outros eram forçados. (PASA, 2013, p.65)

Enquanto isso, no Brasil, por meio da Lei de Terras de 1850, primeira medida regulamentar da questão fundiária nacional, se estabeleceu que a única forma de apropriação de um terreno era por meio de compra, o que inclusive revia a antiga

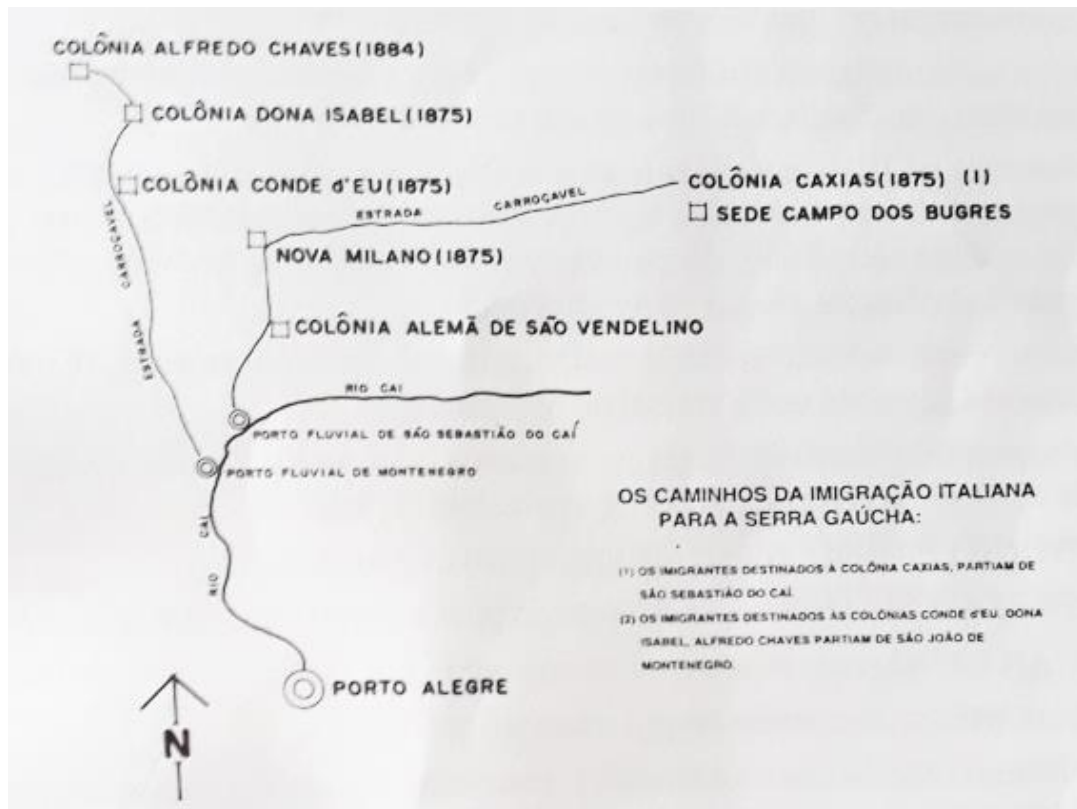
doação das sesmarias, em concordância com Decó (1994). Assim, cabia ao Estado demarcar as terras desocupadas e quais seriam seus fins (utilização pública, fundação de povoações, aberturas de estradas). Ademais, com a extinção do Tráfico Negreiro e a posterior Lei do Ventre Livre, em 1870, o Império começou a considerar a mão de obra estrangeira, levando em conta seu baixo custo e o fato de ser essencialmente composta por homens brancos.

Perante tal conjuntura, entre 1875 a 1914 o Rio Grande do Sul recebeu cerca de 75 mil imigrantes italianos, que buscavam uma vida melhor nas terras oferecidas pelo Brasil. Normalmente, os lotes eram em regiões montanhosas, de difícil acesso e lavoura (CAXIAS DO SUL, 2016). A viagem por si só já era um desafio a se superar, de longo percurso, eventuais naufrágios e disseminação de doenças:

Os imigrantes para chegarem ao Brasil, vinham de navio a vapor, uma viagem que podia durar 35 dias. Ao chegar ao Brasil, o vapor atracava no porto de Santos ou no porto do Rio de Janeiro, para efetuar o cadastramento. Uns três dias após os imigrantes num outro navio, seguiam viagem para Porto Alegre, com uma breve parada no porto de Rio Grande. Desta cidade, seguiam até Porto Alegre, navegando pelas águas da Lagoa dos Patos e estuário do Rio Guaíba. (DECÓ, 1994, p.17)

Segundo Decó (1994) o trajeto seguia até São Sebastião do Caí ou São João Batista de Montenegro, de onde continuavam a pé ou no lombo de animais através das matas, enfrentando o frio e a fome. Os primeiros pontos de colonização foram a Colônia Caxias, Colônia Dona Isabel e Colônia Conde D'Eu, visualizáveis na Figura 1. O território era dividido por meio de lotes (pedaços de terra retangulares), posicionados à direita ou esquerda dos travessões (caminhos traçados em linha reta) e das linhas (caminho de comunicação entre os lotes).

Figura 1 - Localização das Colônias de Assentamento



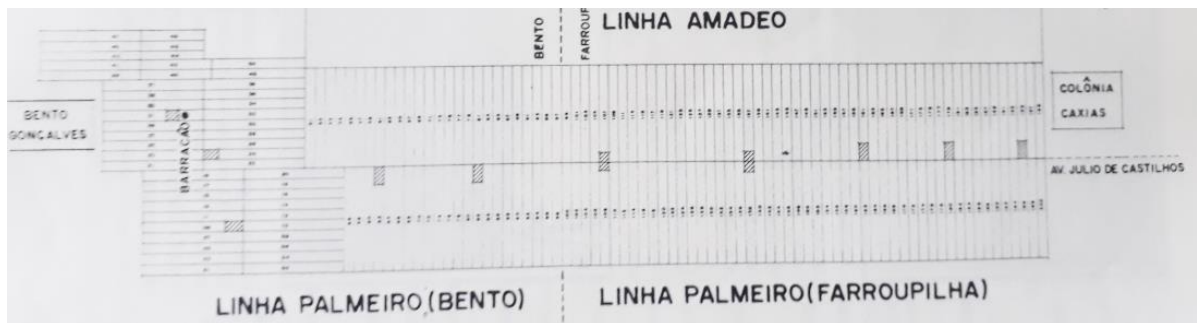
Fonte: DECÓ, 1994, p. 17

O número alto de imigrantes chegando fez com que novas colônias fossem criadas, a exemplo de Nova Vicenza, atual município de Farroupilha. Com a chegada da República, em 1889, cabe destacar que o nome dessas localidades, anteriormente dedicados a figuras imperialistas, foi alterado (CAXIAS DO SUL, 2016). Uma das Linhas estabelecidas foi dentro o território da Colônia Dona Isabel e Caxias, passando por Nova Vicenza, denominada Linha Palmeiro. Tal denominação deve-se ao fato de que Palmeiro era o sobrenome de um funcionário do Governo responsável pelo assentamento nas terras devolutas, de acordo com Zorzi (1986). Salienta-se que, de acordo com Decó (1994, p.29):

Palmeiro é a mais importante de todas as Linhas de colonização da ex-Colônia Dona Isabel, não somente por sua extensão de 28Km de comprimento e por ocupar um lugar estratégico quanto à sua situação geográfica, mas pelo tamanho e número de seus lotes e por se constituir numa divisória dupla, separando os lotes de números pares que se alongam para o sul, dos números ímpares, que se alongam para o norte. [...] Atualmente os lotes de número 1 ao 99 pertencem ao município de Bento Gonçalves; do número 100 ao 200 situam-se dentro do município de Farroupilha.

Na Linha Palmeiro se estabeleceram principalmente imigrantes oriundos da Região do Vêneto e Lombardia, distribuídos em 200 lotes (Figura 2). Ali radicados, restava-lhes o trabalho da agricultura, já que recebiam um auxílio pequeno do governo, como sementes e ferramentas e possuíam o prazo de dez anos para pagar a propriedade (ZORZI, 1986).

Figura 2 - Mapa do Loteamento da Linha Palmeiro



Fonte: DECÓ, 1994, p.31

Ressalta-se que, de acordo com Decó (1994, p.30), “A Linha Palmeiro não foi colonizada num só ano. Sua colonização teve início em 1875. [...] Mas, por volta de 1880, todos seus lotes foram ocupados”. Estava estabelecida uma comunidade, futuramente alcunhada comunidade de Caravaggio, demonstrando a forte influência religiosa a esse povo. Em meio a saudades que sentiam de sua pátria e com tantas dificuldades para sobreviver, a religião católica, trazida como herança, foi uma das únicas formas de consolo (CAXIAS DO SUL, 2016). Além de tudo, em função da falta de estradas, a comunicação para além da comunidade era difícil, portanto o comércio, os festejos e as tradições eram mantidos entre si, fazendo com que as diferenças étnicas entre os próprios italianos fossem padronizadas. Deste modo, a fé católica se consolidou como um alicerce fundamental àquele modelo de sociedade.

As primeiras missas foram realizadas nas casas de imigrantes, tendo como padre algum morador considerado mais intelectualizado. Entretanto, na ausência de uma capela própria, a comunidade se encontrava carente de um espaço institucionalizado no qual o coletivo pudesse socializar e empenhar o ofício do catolicismo. Assim, segundo Zorzi (1986), os imigrantes Antonio Franceschet e Pascoal Pasa decidiram construir um pequeno oratório, de 3x4 metros, com madeira de araucária. Logo, a notícia se espalhou e outras famílias quiseram ajudar

financeiramente e com mão de obra, tornando o espaço uma capela que chegava a comportar cem pessoas.

A Linha Palmeiro chegou a possuir dez capelas ao longo de sua extensão: “Cada Linha erguia sua capela e não possuir mesmo que um pequeno e rústico templo, significava inferioridade perante os demais” (CAXIAS DO SUL, 2016, fl.11). Esse espaço se tornou local de manifestações culturais e sociais, onde os habitantes podiam se unir e serem devotos juntamente. Ademais, eram nesses locais onde jovens de diferentes etnias italianas se encontravam e questões da comunidade eram pleiteadas, tendo, portanto, importante papel político nesse meio (DECÓ, 1994).

A partir do momento que a instituição³ religiosa da comunidade estava fundada, se fazia necessária a escolha de um padroeiro ou padroeira que regesse aquele território. A Colônia de Dona Isabel possuía como patrono Santo Antônio, então, por mais que se cogitasse seu nome, sabia-se que dificilmente o padre viria da colônia vizinha para celebrar a missa no dia desse santo. Conforme Lazzari (2013) optou-se então por Nossa Senhora, priorizando-se Nossa Senhora de Loreto, mas, apesar da procura, ninguém possuía uma imagem da mesma. Em compensação, Natal Faoro, um dos imigrantes, havia trazido consigo da Itália um pequeno quadro de 33x40cm, datado de 1724, de Nossa Senhora de Caravaggio.

Prontamente, Nossa Senhora de Caravaggio foi eleita a padroeira daquela comunidade eclesial que, no momento, continha 22 famílias, as quais conceberam uma festa inaugural do local em 1879 (ZORZI, 1986). Em todo esse processo, tanto de construção, quanto seleção da padroeira cabe salientar a dedicação das famílias da Linha Palmeiro, que se firmaram na questão da fé perante uma gama de empecilhos, desde quando saíram de sua pátria. Concebeu-se, assim, uma relação afetiva com a primeira instituição religiosa erguida na localidade e as dinâmicas ali realizadas.

Ao longo dos anos, a devoção à santa se expandiu com a construção de outras capelas filiais e o espaço tornou-se pequeno, sendo providenciada a construção de um prédio em alvenaria, concluído em 1890. Novamente, a edificação foi erguida com auxílio da comunidade, que fazia o “[...] amassamento do barro com

³ Cabe destacar que em muitas localidades a primeira instituição religiosa existente foi o capitel, pequena capela com altar interno, dedicado a santo(a) de devoção. Normalmente eram construídos à beira de estradas vicinais.

os pés e o esquadramento dos tijolos à mão, em dimensão maior que o convencional” (CAXIAS DO SUL, 2016, fl.26). A nova Capela abrigaria uma escultura, inspirada no antigo quadro de Natal Faoro, feita pelo imigrante e escultor Pietro Stangherlin, em 1885, representada na Figura 3, além de pinturas ornamentais, realizadas em 1921, pelo artista italiano Antônio Cremonese.

Figura 3 - Escultura de Pietro Stangherlin e quadro de Natal Faoro, atualmente dispostos no Santuário



Fonte: Da autora, 2018.

Conforme Lazzari (2013) a estatuária foi feita em madeira e transportada a pé pela comunidade, do ateliê de Pietro, em Caxias do Sul, até o Santuário, originando a primeira procissão⁴ da paróquia. “A imagem tornou-se tão significativa para a comunidade, que quando recentemente tentaram substituí-la por outra de gesso, de

⁴ Os fenômenos religiosos de procissão e romaria se diferem, à medida que o primeiro se caracteriza como um desfile em que são carregadas imagens veneradas, e o segundo se enquadra como uma peregrinação rumo a um local sacro.

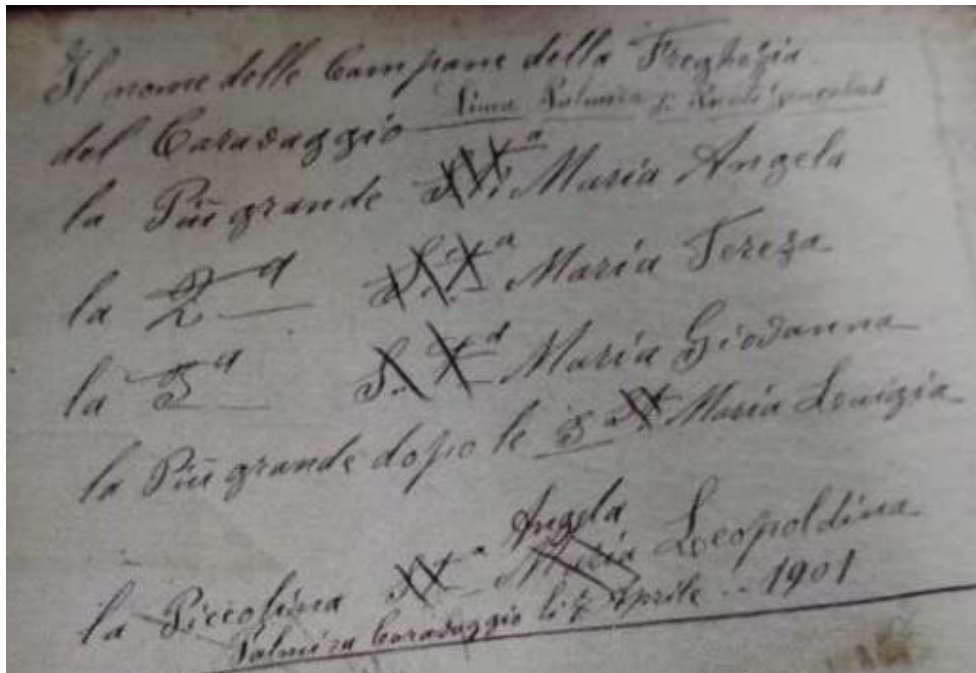
feições mais “delicadas”, os fiéis negaram e pediram o retorno da antiga imagem” (Ibidem, p.45), caracterizando o engajamento comunitário local pela questão religiosa.

Essa forma de manifestação da fé também se deu em 1899, quando uma grave seca assolou todo o nordeste do Rio Grande do Sul, avariando o cultivo dos colonos, principalmente na viticultura. Dessa forma, na pequena comunidade de Caravaggio decidiu realizar uma romaria clamando por um milagre, que foi atendido no dia 2 de fevereiro. A partir de então, as romarias continuaram a ser executadas, ganhando maiores dimensões e especificidades a cada ano. De acordo com Pasa (2013, p.64):

A primeira romaria notável aconteceu em 1948 a imagem foi levada a Caxias do Sul com acompanhamento de 700 veículos e retorno a Caravaggio com cerca de 500 veículos e a presença de 15 mil na partida e de 25 mil peregrinos participaram no regresso enchendo a avenida e a praça do Santuário.

Conforme o aumento dos romeiros foi designado um sistema de assistência à peregrinação, de modo a apoiar os fiéis, turistas e visitantes, sendo então realizadas melhorias e a expansão do território que abrigava a capela. Essa ampliação se iniciou em 1900, quando se construiu a Torre do Campanário, com local para assentamento de cinco sinos. Segundo Decó (1994) três dos sinos foram trazidos de Bassano, Vêneto, comprados pelos irmãos Biazon que fizeram a doação à Capela. Cada sineta recebeu um nome, sendo, da maior para a menor, Maria Ângela, Maria Tereza, Maria Giovanna, Maria Luígia e Angela Leopoldina, conforme Figura 4.

Figura 4 - Livro de Registro do nome dos Sinos



Fonte: PASA, 2013, p.44

O campanário simboliza a força da comunidade, à medida que, conforme Pasa (2013, p.43) seus sinos foram “[...] transportados desde São Sebastião até Caravaggio, a pé por 40 voluntários” e possuem como missões a de ressoar a “voz” da Igreja, chamando os fiéis para a reza, entoar a tristeza dos cristãos e até mesmo, afastar as tempestades. Ainda, de acordo com o texto expográfico do Santuário de Caravaggio cada sino corresponde a um tom musical e possui um peso, tendo o maior 1050kg, e o menor 110kg.

A Torre também abriga um relógio, em funcionamento até hoje, que foi construído por um imigrante em 1911, chamado Augusto Rombaldi. Ele não possuía nenhum conhecimento de engenharia mecânica, destacando-se pelas habilidades de artífice (CAXIAS DO SUL, 2016). Evidencia-se assim, como todo o conjunto que compõe a Torre do Campanário foi implementado por meio do auxílio comunitário, seja braçal ou financeiramente.

Contudo, a maior modificação do complexo se deu com a gestão do Padre Teodoro Portolan, que assumiu como pároco em 1942. Em 1943 o clérigo começou a cogitar uma nova Igreja, além de outros aperfeiçoamentos estruturais, já que em sua chegada avistou no território construções rústicas, tais como: “[...] a Igreja de alvenaria branca de cal, a torre de pedra e a casa paroquial de madeira de cor marrom, construídas pelos imigrantes italianos e pelos primeiros descendentes, e

um cemitério não muito distante, alinhado com a torre e a Igreja [...]” (PASA, 2013, p.58).

Deste modo, inicialmente encaminhou a compra de um gerador de energia que abrangia Caravaggio e seu entorno. Posteriormente, de acordo com Pasa (2013), juntamente ao governador do Estado da época, Ildo Meneghetti, conquistou uma rede elétrica fixa, corroborando também com a qualidade de vida de todos que ali circundavam. Em 1945 recebeu auxílio do Batalhão Ferroviário de Bento Gonçalves para detonação das pedras que tornavam a praça do Santuário desnivelada e por meio de negociações com o prefeito, governador e com os paroquianos que possuíam terras próximas, conseguiu aperfeiçoar a avenida que acessa o prédio.

Mais tarde, o padre iniciou seu projeto de construção do Santuário junto ao arquiteto Ticiano Bettanin, com um desenho inicial inspirado no Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio na Itália (DECÓ, 1994). O bispo diocesano de Caxias do Sul da época, Dom José Barea foi contrário à ideia, alegando a demora que levaria até ser construído e a quantidade de recursos necessários.

Por fim, segundo Pasa (2013), atestado que a comunidade ajudaria com a quantidade de fundos precisos, por meio de doações e trabalho, Dom José Barea concordou com a execução do esboço apresentado. A comunidade e seu pároco carregaram areia, cimento, tijolos e madeiras e se adquiriu mais de 160 lotes de famílias de imigrantes, por meio da chamada Sociedade Territorial Caravaggio Limitada, que foi instituída a fim de se arrecadar recursos:

Para facilitar sua construção, o P. Theodoro levantou uma olaria nas imediações da obra, e ele mesmo metia-se no meio do barro para fabricar os tijolos que seriam empregados para levantar as paredes. Após vários anos de trabalho intenso, onde muitas pessoas deram um pouco de si, o novo e magnífico santuário, orgulho da Linha Palmeiro, foi solenemente inaugurado em 1963. (DECÓ, 1994, p.123)

Conforme Pasa (2013), a contribuição de cada paroquiano, mesmo que não fosse financeiramente, visto a simplicidade daquela comunidade, permitiu que o Santuário, com contingência para 2.000 pessoas, fosse concluído (Figura 5). Contextualiza-se que era tempo de guerra, o que dificultava a aquisição de material, gasolina e trabalhadores, fazendo com que se fizesse necessário maior esforço para concretizar a ideia.

Figura 5 - Fotografia da construção do Santuário e Família Vieceli



Fonte: PASA, 2013, p. 62

Durante a construção foi encontrada uma fonte de água potável dentro dos alicerces, o que foi dado pelos paroquianos como um sinal divino de Nossa Senhora. A água foi suficiente para toda execução da obra, mesmo em períodos de escassez de chuva. A nascente é visualizável no interior do Santuário, por meio do piso, e relembra a fonte que brotou no local de aparecimento de Nossa Senhora à camponesa Joaneta, na Itália, no dia 26 de maio de 1432, conforme Zorzi (1986).

Outras edificações, segundo Decó (1994), foram idealizadas e construídas pelo Padre Teodoro Portolan em seu paróquio de 1942 a 1968, como a Casa do Peregrino, a Casa de Retiros “Getsêmani”, a Rádio Miriam e um Carmelo. Pela Casa de Retiros passaram o Seminário dos Pobres Servos da Divina Providência e as Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu, irmandades que auxiliaram na celebração de missas e na educação comunitária, respectivamente. No caso das Carmelitas, foram enviadas ao Paraná logo após a saída do Padre Portolan.

No ano de 1947, quando a construção do Santuário de Caravaggio ainda estava sendo encaminhada, um evento marcante aconteceu na localidade. Conta-se que uma jovem da Linha Jansen foi acometida por uma possessão após ser amaldiçoada pelo ex-noivo, que não queria que a mesma se casasse novamente. De acordo com Decó (1994) a história que permeia o imaginário popular, e que o próprio padre e irmãs que presenciaram a ocorrência contaram, foi que no dia de

seu casamento, quando a jovem deixou a Igreja, desmaiou, e a partir daí, ao longo de vários anos, começou a demonstrar uma série de comportamentos estranhos, como fugir para as matas e ter repulsão a objetos católicos. Suas atitudes só teriam piorado, chegando a blasfemar contra Deus com a voz distorcida.

Assim, se iniciou um processo de exorcismo, que incluiu três dias de vigília pelos religiosos antes de realizarem o ritual, com rezas contínuas e purificações. No dia do rito, a jovem foi levada a cavalo por cerca de seis quilômetros, com auxílio da família e da comunidade, mostrando resistência em vários pontos do percurso, nos quais as pessoas eram obrigadas a segurá-la à força (DECÓ, 1994). Tentou-se realizar o ritual dentro da nave da Igreja, entretanto as ofensas proferidas pela jovem, e sua agressividade, fizeram com que fosse levada à uma sala ao lado da Sacristia. Durante o cerimonial, a jovem manifestou zombarias e acusações contra os que ali estavam:

Todo o cerimonial com orações especiais, bênçãos com água benta, sinal da cruz com o crucifixo, leituras de trechos do Evangelho, ordens de expulsão e diálogo ríspido e violento entre o Sacerdote e o espírito maligno durou mais ou menos 8 horas. (DECÓ, 1994, p.124)

De acordo com Decó (1994), ao lado externo da sala as pessoas da comunidade reunidas continuavam suas súplicas. Até que se chegou o momento em que a jovem, que parecia estar prestes a morrer, voltou a falar com sua voz normal e pediu para que as rezas continuassem considerando que o espírito maligno ainda estava pela sala. O padre aspergiu o local com água benta e houve um barulho forte e os ferros de uma janela se retorceram. Conta-se que é por onde o demônio teria saído e deixado de vez, a vida da moça (Idem, 1994). O cômodo do exorcismo tornou-se visitável para os fiéis, com o nome de Espaço Livrai-nos do Mal, aberto ao público em 2018.

Próxima a essa sala foi inaugurada, ainda em 2018, a Sala Santo Sepulcro, com intuito de representar o local onde Jesus Cristo ressuscitou. O espaço, com paredes sem reboco, se assemelha a uma escavação rochosa, demonstrando como eram as paredes originais da capela, construídas, conforme citado, pelos imigrantes em 1890. Esses espaços, juntamente ao Memorial de Devotos, inaugurado em 2017 e ao Monumento de Nossa Senhora de Caravaggio e Joaneta, instalado em 2016,

formam um conjunto expográfico de extrema relevância para os fiéis, tornando-se marcos materiais evocadores da fé, disseminados por uma educação visual.

O Memorial de Devotos se caracteriza como uma instituição importante socialmente, pois reúne objetos que remetem a graças alcançadas, depoimentos e outras manifestações religiosas, material que anteriormente era deixado na antiga Capela e periodicamente guardado em um depósito. O Monumento de Nossa Senhora de Caravaggio, por sua vez, inspirou um movimento de reivindicação popular no ano de 2008, quando sua primeira versão foi anexada e prontamente desaprovada pela maioria dos fiéis, que consideraram as feições da Nossa Senhora grosseiras (VENDRÚSCULO, 2015). Sua instalação se deu no trevo da RS-453, que dá acesso à Rodovia dos Romeiros e, de acordo com Rolt (2015, p.199), “Os recursos para a construção do monumento, advindo do Ministério do Turismo e liberados em 29/10/2007, somaram R\$126.750,00 com contrapartida de R\$33.727,64”.

As críticas se deram logo na manhã de instalação, com questionamentos a respeito da técnica e talento do escultor, alcançando as mídias em proporção nacional. Houve a tentativa de melhorar os traços da imagem em agosto de 2008, entretanto “[...] a emenda saiu pior que o soneto e só fez aumentar o fervor das divergências” (ROLT, 2015, p.203).

Em 2014 um novo protótipo de escultura foi idealizado e se iniciou uma campanha de doação monetária para conclusão do projeto, por parte da direção do Santuário, arrecadando R\$80 mil (ROLT, 2015). A nova escultura foi instalada em janeiro de 2016 no mesmo trevo (Figura 6), e a antiga foi transportada para os fundos da Igreja, onde está passando por uma restauração bancada pela venda dos livros “Manual dos Devotos”, a fim de ser colocada junto ao Recanto do Rosário (NUNES, 2017).

Figura 6 - Representações da Santa



Fonte: Google Imagens, 2018, doc. eletr⁵.

Dias após a instalação da atual santa, a mesma sofreu um ataque de duas pessoas, que a depredaram e atearam fogo, sendo necessária uma revitalização. No período outras imagens pela região haviam sido vandalizadas, sendo a principal hipótese para motivação do ato o fundamentalismo religioso (RIGON, 2016).

Desse modo, é possível visualizar como o monumento se tornou alvo de reivindicação e manifesto popular em toda sua trajetória. Além disso, o próprio ponto de sua colocação se caracteriza como uma referência para os municípios que o rodeiam, e também, para os peregrinos, pois as mãos da Nossa Senhora de Caravaggio parecem apontar em direção ao Santuário. Todas essas estruturas construídas recentemente fazem parte de uma necessidade institucional de ampliar e modernizar o espaço conforme o aumento de fiéis e visitantes. Esse processo se dá até mesmo com as edificações antigas, a exemplo da virtualização das mesmas.

A capela foi recentemente virtualizada contando com uma página no *website* do Santuário de Caravaggio, denominada “Capela Virtual”: <<http://caravaggio.org.br/capela-virtual/>>. A página permite demonstrações de fé como “pedir uma oração”, “visitar a capela em 360°” e em breve disponibilizará a oportunidade de “acender uma vela online” e “rezar o terço” (Figura 7).

⁵ As imagens foram extraídas de diferentes fontes digitais, da esquerda para direita: NOSSA Senhora de Caravaggio, [s.d.]. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcS7lrm3gedHoadpaknTmgFZ7r4LwcBbrsdRk_hxR1y800J91BQk> Acesso em set 2018. _____, [s.d.]. 2 fotografias, color. Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn%3AANd9GcSk9c2izEQxr2WyCvTIDaHpDi9NKAlw3y_Qh1cJJmWgRH70ZW7> Acesso em set 2018.

Figura 7 - Capela Virtual



Fonte: SANTUÁRIO.ORG, [s.a.], doc. eletr.

Além disso, o Santuário de Caravaggio também foi incrementado, dispondo de textos e elementos expográficos em toda extensão territorial, além de assistência ao peregrino. O contingente de pessoas se concentra, principalmente, na data de 26 de maio, dia que remete a aparição da santa na Itália, quando é realizada a romaria anual; no dia 2 de Fevereiro, que marca o dia do “milagre da chuva”; e ao longo do mês de abril, maio e junho, conforme Vendrúsculo (2015, p.142), que pontua as romarias do ano de 2012:

No dia 22 de abril, ocorreu a 6ª Romaria da COOPERFAR (Cooperativa dos Transportes Autônomos de Farroupilha) [...]. No dia 29 de abril ocorreu a 4ª Romaria dos Carros Antigos. No dia 06 de maio, ocorreu a 9ª Romaria dos Ciclistas. No dia 12 de maio, ocorreu a 19ª Romaria da Cavalgada da Fé. No dia 13 de maio, ocorreu a 5ª Romaria dos Jipeiros. No dia 19 de maio, ocorreu a 3ª Romaria - Caminhada/corrida a Caravaggio. No dia 20 de maio, ocorreu a 34ª Romaria dos Motociclistas. No dia 03 de junho, ocorreu a 1ª corrida de Caravaggio.

Ainda, de acordo com as notícias do website Santuário de Caravaggio, são realizadas outras pequenas peregrinações, como a das crianças, *motorhomes* e dos tratores. Destaca-se no ano de 2013 a 113ª Romaria Votiva e comemoração do cinquentenário de construção do Santuário, quando ao fim do dia, a história do “milagre da chuva” se repetiu, no encerramento da caminhada (VENDRÚSCULO, 2015).

Já no ano de 2018 o número de romeiros chegou a 145 mil, mesmo perante o cenário da greve nacional dos caminhoneiros. Como alternativa, a peregrinação foi

transmitida ao vivo pela página da instituição no Facebook, contando com cerca de 700 mil telespectadores (SANTUÁRIO.ORG, 2018). As missas também são diariamente transmitidas, usando-se o canal web rádio ou web TV disponíveis no site. Outras opções como notícias, galeria de imagens, galeria de vídeos, orações, rádio Miriam online, depoimentos e ferramenta para doações também são recursos usuais.

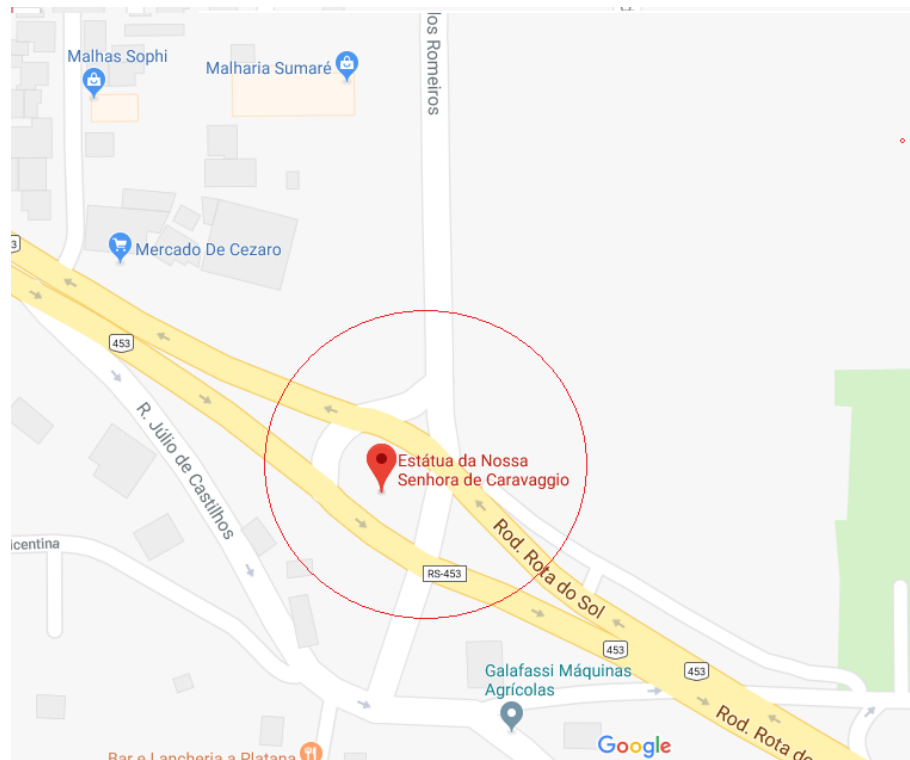
Portanto, a trajetória do Santuário de Caravaggio se consolidou e se adaptou em conformidade com as vontades e as iniciativas coletivas. Desde o amassamento de barro para a confecção de tijolos, o transporte da imagem e dos sinos, até o requerimento de uma nova santa, a presença da comunidade se fez presente de forma intensa, permeando a história do local. No próximo capítulo será aprofundada a forma como essa trajetória se consolida como patrimônio perante as relações e dinâmicas comunitárias, enfatizando como a imaterialidade potencializa o complexo de Caravaggio enquanto patrimônio material, e vice-versa.

3 A COMUNIDADE: PATRIMÔNIO DE CARAVAGGIO

A comunidade de Caravaggio contempla um território dentre as cidades de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, em um espaço pertencente à Farroupilha. Os principais acessos são pela RSC-453, seguida pela Rodovia dos Romeiros, e pelos Caminhos de Pedra (VRS-855 - Linha Palmeiro).

No dia 22 de setembro de 2018 foi realizada uma visita ao Santuário de Caravaggio no período da tarde, partindo de Bento Gonçalves pela RSC-453. No trevo, visualizável na Figura 8, que acessa à Rodovia dos Romeiros, pôde-se notar a movimentação de pessoas indo em direção à Igreja, de carro, a pé e de bicicleta.

Figura 8 - Localização Trevo de Caravaggio



Fonte: GOOGLE MAPAS, 2018, doc. eletr.

Além disso, o trevo se destacou pela Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio, motivo de reivindicação popular, conforme citado no capítulo anterior. O monumento é uma forma de representação, exposta a um público de grandes proporções, em função de estar em um território comum à sociedade e com grande tráfego. Ademais, é uma representação capaz de simbolizar aspectos, seja culturais, religiosos ou históricos de um determinado grupo social, nesse caso os

descendentes de imigrantes italianos, conjuntamente à possibilidade da apreciação estética (ROLT, 2015). De acordo com Pesavento (2003, p.41):

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

Nesse sentido, um monumento pode se tornar motivo de embate popular, a partir do momento que alguém não se identifica com o mesmo, fazendo com que o espaço público se torne local de disputa. No caso da Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio, a religiosidade serrana e a ideia inconsciente que se possui acerca da imagem da Virgem Maria foram fatores imprescindíveis. O fato de se expor uma escultura, em meio a cidades turísticas, que não demonstrasse a partir de seu olhar de piedade e traços delicados a importância da religião perante o sofrimento dos imigrantes italianos em sua chegada, se tornou uma ofensa a maior parte dos fiéis (ROLT, 2015).

Essa indignação se manifestou por meio da reportagem online do Jornal Zero Hora, do dia 16 de maio de 2008, na qual alguns internautas opinaram, a exemplo de Regina, que disse ser: “horrrível e grotesca a imagem da santa, pois o semblante que conheço de Nossa Senhora é delicado e amoroso” e Fábio que comentou sobre a escultura: “já é motivo de várias piadas em Farroupilha” (apud ROLT, 2015, p.201).

Além do mais, o monumento, analisado como um aspecto da memória coletiva - já que representa culturalmente as ideias sobre religiosidade da maior parte da comunidade -, também é enquadrado como um patrimônio material. Entretanto, ele não retrata todas as esferas sociais, simbolizando, nesse caso, essencialmente o catolicismo, e assim há a possibilidade de outras formas de embate, conforme observa Pesavento (2003, p.41-42):

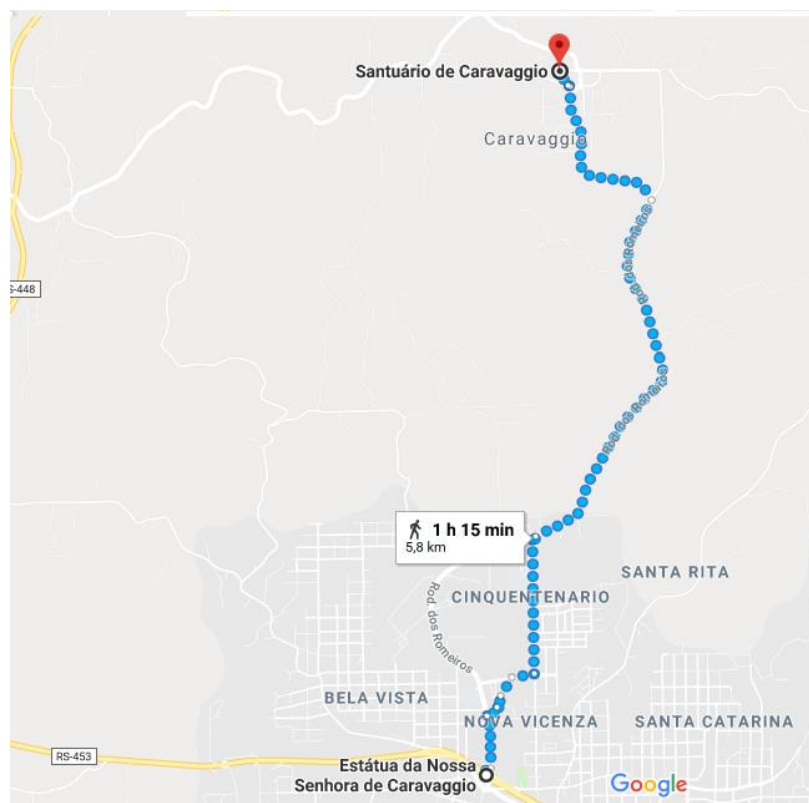
Implica que esse grupo vai impor à sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais.

Isto posto, se abrem brechas para manifestações fundamentalistas, como os atos de vandalismo que ocorreram à escultura, em concordância com Santa'anna (2003, p.49): "O monumento trabalha e mobiliza a memória coletiva por meio da

emoção ou da afetividade [...]”, refletindo uma forma de dinâmica estabelecida por outro grupo social perante a estátua. Deste modo, é possível observar como o monumento evoca nas pessoas formas de sentimento que vão para além da materialidade, funcionando como uma dentre as diversas formas de relação patrimonial que as cidades estabelecem com suas comunidades, o que fortalece, ou até mesmo origina identidades (COSTA, 2012).

Ainda sobre a visita realizada, seguiu-se pela Rodovia dos Romeiros (Figura 9), que percorre da Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio até o Santuário. A estrada dispõe de vinhedos, hortênsias e alguns casebres antigos, formando uma paisagem bucólica. Há também alguns empreendimentos locais e o Seminário da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, citado no capítulo anterior, em conjunto à Casa Mater Dei (congregação de irmãs).

Figura 9 - Localização da Rodovia dos Romeiros



Fonte: GOOGLE MAPAS, 2018, doc. eletr.

A paisagem se comunica com a comunidade e os visitantes, se estabelecendo como uma forma de patrimônio, mais especificamente na categoria de Paisagem Cultural, conforme definição do Comitê de Patrimônio Mundial da

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de 1992, incorporada em 2009 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Art. 1º, Título I, Seção I:

Art. 1º. Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.

Cabe ressaltar que estudos sobre os processos dinâmicos da relação natureza e cultura são de interesse da Museologia, priorizando, nesse tema, debates e soluções voltados aos temas ligados ao desenvolvimento social, com ênfase na relação homem e ambiente:

[...] a Museologia, comprometida desde os anos 1960 com o desenvolvimento social e ambiental, trata da natureza como bem patrimonial, a ser protegido no presente para as gerações futuras, através do processo denominado patrimonialização - que se refere à inscrição, como patrimônio, de aspectos do Real valorados por determinados grupos sociais (BELIANI; SCHEINER, 2012, p.250).

Nessa perspectiva, o cultivo da uva e a arquitetura em estilo colonial italiano caracterizam o território do entorno do Santuário, juntamente ao cenário natural dos vales, causando ao visitante a impressão visual que se espera de um local colonizado por imigrantes italianos, conforme o imaginário, e permitindo aos moradores e fiéis um espaço de identificação e difusão cultural (SOARES, 2017).

Esses moradores são de extrema relevância, à medida que, ao se identificarem com o território e as relações ali difundidas, tendem a preservá-lo, conforme Soares analisa (2017, p.81, grifo do autor): “[...] o que mantém as paisagens são as pessoas que nelas se *reconhecem*. Os grupos, ou ‘comunidades’ se ‘associam’ à imagem da paisagem para poder existir enquanto grupos”. Ademais, para além da reafirmação identitária, os moradores também acabam por desfrutar do local e os eventos que ali ocorrem como forma de subsistência e motivo de reivindicação popular em prol do desenvolvimento da área. De acordo com um dos moradores do Distrito de Caravaggio, em sessão ordinária da Câmara de Vereadores de Farroupilha:

[...] Hoje, nós sabemos, que o nosso maior ponto turístico aqui de Farroupilha, indiscutivelmente, é o Caravaggio. Só que o nosso acesso ao Caravaggio é pela Via dos Romeiros, entra e volta por aí. Então nós não fomentamos o turismo religioso, nós não damos condições para que ele se desenvolva, nós não temos a consciência ou a forma de trabalhar, como Bento [Gonçalves] tem, que trabalha muito com cooperativas. Essa estrutura é muito importante porque no momento que nós tivermos isso bem sinalizado, nós podemos forçar ou instigar a curiosidade dos turistas que vêm até Caravaggio. Por que ele tem que vir pela Via dos Romeiros e voltar pela Via dos Romeiros? Eles podem descer e fazer um caminho diferente. (apud SILVA; LOPES, 2016, p.167)

Cabe salientar que como em outras situações, pode ocorrer um processo de sobreposição cultural para com minorias, já que o grupo social majoritário possui maior poder discursivo e detém o controle sobre o que deve ser efetivado ou não (SOARES, 2017). Essa dinâmica pode ser visualizada na tentativa de tombamento da Linha Palmeiro (VRS-855), por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE) no ano de 2012, com a justificativa de que “[...] o tombamento se baseou na relevância da paisagem cultural da região e seu valor ambiental” (SILVA; LOPES, 2016, p.39). Entretanto, os moradores de famílias tradicionais da comunidade se posicionaram contra, articulando prefeituras e entidades locais para que negassem o processo, com receio de possíveis impedimentos na venda de terrenos. Segundo um dos moradores do Distrito de Caravaggio, em sessão ordinária da Câmara de Vereadores de Farroupilha:

[...] Uns começaram o movimento e já queriam fazer. Outros começaram a dizer que não dá mais para vender a terra. E para vender a terra iria depender do governo. Então, foram informações malpassadas. Mas o Italiano é de ficar um pouco com o pé atrás. Então, o que aconteceu? A maioria não aceitou, e parou. Isso está se estabilizando. Eu diria que no futuro até voltará a ser uma possibilidade para se estudar isso. Mas no momento, eu até participei de uma das reuniões, mas isso acabou. Não houve assim um entendimento, uma explicação realmente do que seria isso. (apud SILVA; LOPES, 2016, p.158)

A patrimonialização da Linha Palmeiro tornou-se então tema de debates à nível municipal, buscando resolver os conflitos entre a preservação paisagística e o assédio, cada vez maior, de empreendimentos, que poderiam ameaçar a singularidade do local (Ibidem, 2016). Segundo Beliani e Scheiner (2012, p.252):

A criação de áreas protegidas possibilita tornar a natureza um patrimônio. Scifoni e Ribeiro (2006:114) realçam que “preservar uma área natural e elevá-la à condição de patrimônio natural é uma ação que se desenvolve no território”. Assim, a proteção e conservação através da valoração como patrimônio tornam-se uma estratégia para alcançar o desenvolvimento

através da relação humana com a natureza. Porém, conforme diz Paes-Luchiari (2007:27), “a natureza e seus processos têm a sua própria lógica e dinâmica, mas a patrimonialização da natureza é uma ação política e cultural”. As leis de tombamento e de estabelecimento de áreas protegidas são determinadas pela esfera cultural e sociopolítica em cada período histórico, nos quais imprimem um olhar patrimonializado à natureza; a partir destes processos as referências naturais são percebidas como culturais. É interessante pensarmos que “é em torno do homem que o sistema da natureza conhece uma nova valorização e, por conseguinte, um novo significado” (Santos, 1997:90).

Após transcorrida a Rodovia, chegou-se no espaço que compreende o Santuário de Caravaggio de fato, formado por um complexo de edificações (Figura 10). Os espaços os quais o presente trabalho analisou são o Memorial dos Devotos (n.1), a Capela Antiga (n.2), na qual estão a Sala Santo Sepulcro e o Espaço Livrários do Mal, a Torre do Campanário (n.3), o Santuário (n.4), o estacionamento onde as pessoas se acomodam nas romarias (n.5) e aos fundos o Jardim dos Mistérios do Rosário, com 20 estações esculpidas em pedras e onde por ocasião está a antiga escultura da “santa feia” e, ao lado, o cemitério (n.6).

Figura 10 - Complexo de Caravaggio



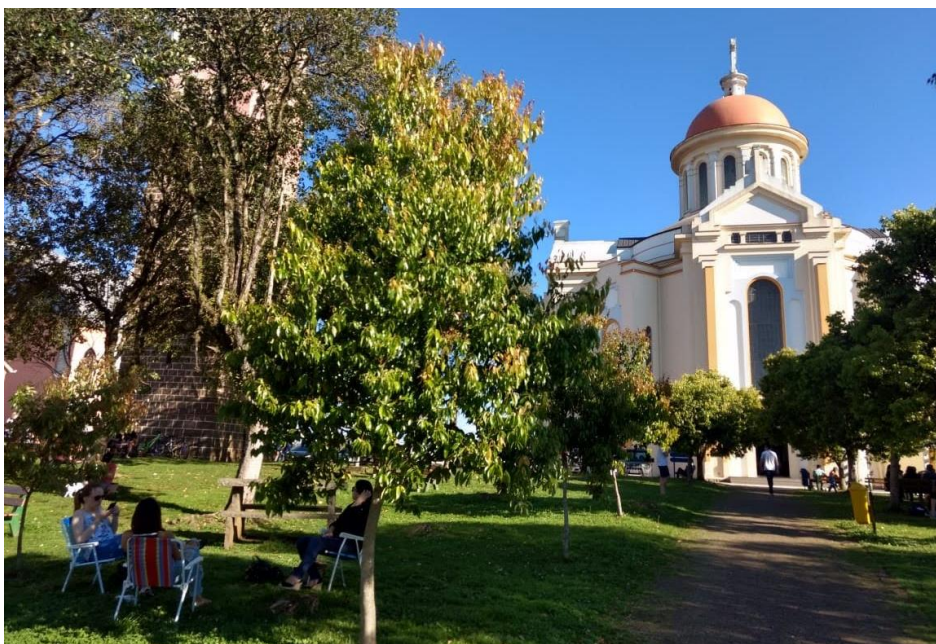
Fonte: GOOGLE IMAGENS, 2016, doc. eletr.

Observou-se como cada edificação possui uma placa de identificação com um texto informativo e como o complexo de edificações possibilita um percurso por pontos visitáveis, fazendo com que a instituição se aproxime de um museu a céu aberto, mesmo que a comunidade não o visualize nesse sentido. Essa concepção se dá até mesmo nas relações que ocorrem no local, por meio do olhar de contemplação do visitante, o resguardo de memórias materiais e imateriais e a apropriação do lugar a partir de processos identitários:

A democratização do poder de representar, seja através de exposições, seja por outros meios, permite que as comunidades criem discursos sobre si mesmas e se coloquem em posição de interlocutoras com outros segmentos da sociedade. A pretensão de ser reconhecida induz ao reconhecimento do outro, e da legitimidade de seu olhar. (GUARILHA; SCHEINER; FAULHABER, 2012, p.156)

Essas representações se fazem presentes de formas diversas no espaço. No momento da visita, por exemplo, estava ocorrendo uma missa, na qual havia um contingente de pessoas considerável, entretanto, outras estavam dispostas pelo território em dinâmicas variadas (Figura 11). Havia os que estavam sentados nos bancos, observando a paisagem, quem estivesse no Memorial dos Devotos em uma busca instigante atrás da própria foto exposta, pessoas acendendo velas, dentre outras, o que retratou os diferentes modos de apropriação do espaço.

Figura 11 - Interações com o território



Fonte: Da autora, 2018.

O primeiro ponto em que se adentrou foi o Memorial dos Devotos (Figura 10 - n.1), que é composto pela exposição dos ex-votos deixados por fiéis, referentes a graças alcançadas. Esses objetos se caracterizam como documentos de variados tipos e materiais, a exemplo de escapulários e peças de vestuário, que testemunham o contexto de vida de uma pessoa, podendo demonstrar suas ambições, medos e alegrias, transpassando a materialidade (OLIVEIRA, 2004).

O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos a ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas. (GONÇALVES, 2003, p.31)

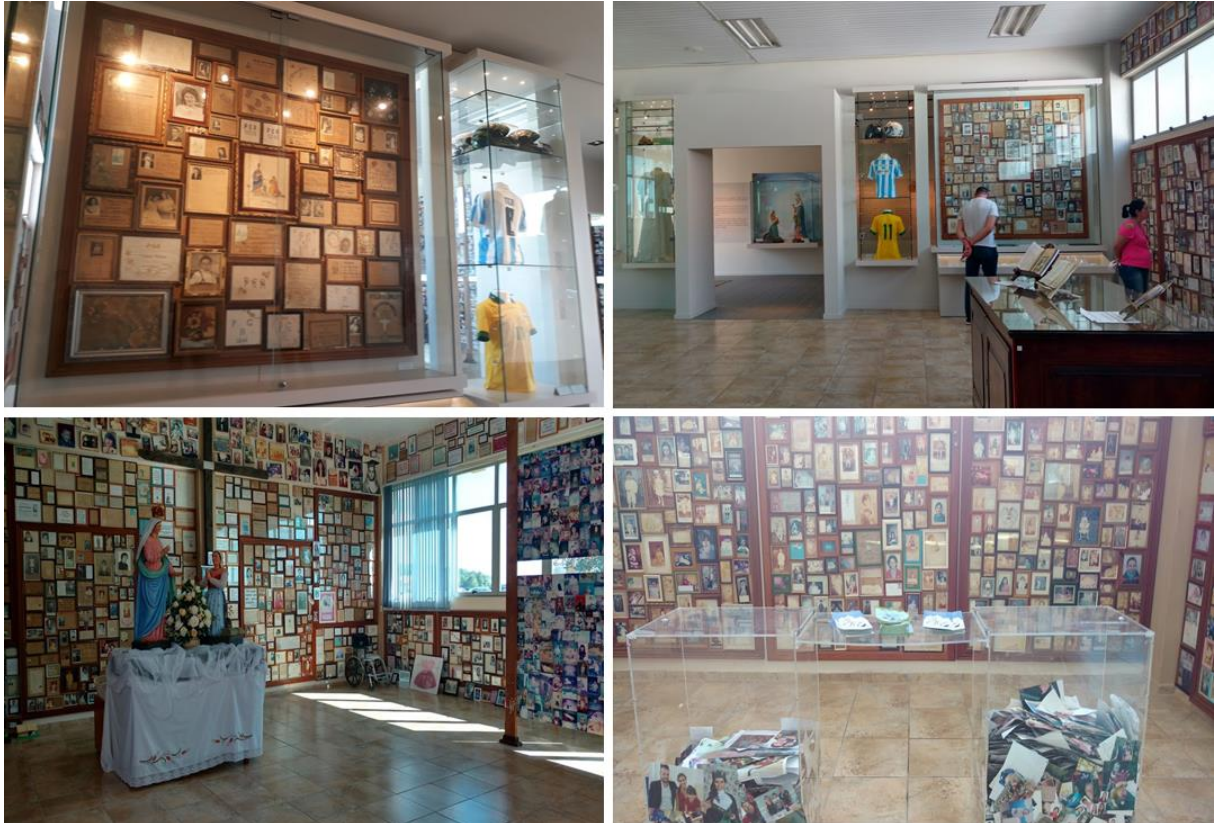
Assim, a capacidade do patrimônio de representação possibilita o sentimento de pertença ao mundo espiritual, atestando tanto a outras pessoas, quanto à própria Igreja, a importância de seus fiéis, ao passo que deste modo se difunde a religião e o local na perspectiva de patrimônio. Conforme Pesavento (2003, p.40): “Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”, sendo, portanto, um meio de manifesto da fé, expresso de acordo com relato:

Lembro-me de quando fiz uma promessa para a Nossa Senhora de Caravaggio pedindo que salvasse a Pauline, uma criança de 2 anos que teve leucemia que eu cuidava, e até hoje ela está bem. Depois fiz uma promessa para que meu cunhado se salvasse de um acidente que sofreu. Pro meu cunhado deixamos a foto na capela. Hoje selecionaram e não achei mais. Também me lembro da capela antiga, com diversas fotos nas paredes. [Caravaggio] representa um local de amparo, onde sei que sempre encontrarei ajuda. (CASTILHOS, 2018, inf. verbal)

A comunidade nesse contexto é identificada como agente especial da composição do complexo, o que é observado inclusive, no fato de os objetos terem sido retirados da antiga capela e transferidos para um espaço que possui o objetivo principal de expô-los, de acordo com o que Varine cita “[...] toda comunidade tem uma identidade, feita de seu DNA patrimonial: nenhum projeto pode ser levado adiante sem considerá-la” (VARINE, 2012, p.46). Para além disso, o Memorial envolveu um projeto expográfico, que contou com a presença de uma museóloga, o que demonstra que a paróquia ponderou acerca da qualidade do mesmo. Os objetos

são expostos em vitrinas, conforme Figura 12, separando-se itens tridimensionais e fotografias, e os textos são de cunho adorativo à santa e à história dos imigrantes.

Figura 12 - Memorial dos Devotos



Fonte: Da autora, 2018.

À vista disso, o Memorial de Devotos permite um espaço de perpetuação da presença do indivíduo, garantindo assim, a viabilidade de cada pessoa se tornar um personagem na trajetória de Caravaggio, trajetória que está sendo a todo momento complementada (SILVA; LOPES, 2016).

Após, o próximo ponto visitado foi a capela antiga (Figura 10 - n.2), onde originalmente eram deixados os ex-votos (Figura 13). A capela foi construída com o apoio da comunidade e atualmente abriga duas salas expositivas, a Sala Santo Sepulcro e o Espaço Livrai-nos do Mal, conforme o capítulo anterior.

Figura 13 - Capela antiga



Fonte: Da autora, 2018.

A capela passou por um processo de restauro concluído no ano de 2012, contemplando o altar, seu mobiliário e as pinturas nas paredes, realizadas pelo italiano Antônio Cremonese (CAXIAS DO SUL, 2016). Ressalta-se que alguns murais, pintados em 1921, representam os primeiros milagres operados pela santa na região, demonstrando a devoção popular por meio de um testemunho histórico importante para a comunidade. Entretanto, conforme manifesto do ex-coordenador do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Ricardo Frantz, o processo se enquadra mais em uma revitalização, termo inclusive utilizado para veiculação do processo nas mídias. De acordo com Frantz (2014, p.3):

Em termos de conservação de patrimônio histórico, ali está o grande erro das revitalizações, todas elas, sem exceção. Os testemunhos pictóricos e arquiteturais do passado são documentos históricos, assim como é um texto num raro pergaminho antigo. Faria sentido darmos uma “embelezada” na história que ele narra, tirando algumas passagens que achamos de mau gosto e antiquadas, e colocando outras em seu lugar ao nosso próprio gosto, com o critério único da fantasia, e não da ciência da restauração, mas deixando lá embaixo a assinatura de outro artista? Quem vier depois e observar a pintura, sem saber que ela foi “revitalizada”, pensará que o seu estilo foi aquele que vê.

Contudo, a comunidade não demonstrou aversão aos resultados apresentados (Figura 14), lotando a capela em uma celebração comemorativa aos resultados, na qual o bispo Dom Alessandro Ruffinoni, conforme reportagem online do jornal Pioneiro, disse “Revitalizamos o templo e também queremos revitalizar nossa fé, nosso amor e a alegria de ser cristão” (apud PIONEIRO, 2012, doc. eletr.).

Figura 14 - Resultados do processo



Fonte: FRANTZ, 2014, p.3

Constituindo parte da capela, o Espaço Livrai-nos do Mal corresponde ao local onde ocorreu o ritual de exorcismo de 1947, história que circula no imaginário da população até os dias de hoje, juntamente a outros relatos conforme narrado por Tieppo (2018, inf. verbal):

Eu vi muita coisa lá [Caravaggio], também, eu era pequena. Eu lembro de uma vez que a gente estava em um sermão cheio de gente assim, e uma mulher começou a gritar, espernear, e dois homens pegaram ela, e levaram ela em um lugarzinho, uma casinha que tinha, acho que naquele tempo era apropriado..., não era janela, eram tiras de madeira e todo mundo ia lá espiar ela e ela estava num cantinho, acho que ela era meio louca, sei lá. Mas o nono, uma vez, ele tinha kombi em [Carlos] Barbosa, e eu também não fui junto porque tinha as crianças pequenas, ainda bem...e levaram uma família, não me lembro se era Carnal, de nome, e levaram uma moça, onde será que era, era aqui por Bento, por fora de Bento. Ela não abriu a boca toda viagem, todo mundo conversava e ela quieta. Nós chegamos lá e ela não queria entrar na Igreja, a gente não sabia o que era, só sabia que ia levar essa moça pra ganhar uma bênção. Afinal, chamou o padre, o padre deu uma bênção, foi rogando pra ela até que ela entrou. Ela em vez de se ajoelhar nos banco, se sentar, pulava de banco em banco, pulava naquele banco, naquele outro banco, aí veio o padre e deu uma outra bênção e não acalmava ela, aí ele mandou todos os outros pra baixo e ficou lá em cima com o Santíssimo [Ostensório] que leva Jesus dentro, então ele benzeu ela, benzeu, eu não sei o que ele fez porque não vi, diz que ela voltou outra pessoa, começou a chorar, se ajoelhou, todo mundo chorou... Quando o *nonno* chegou em casa ele disse “se tu tivesses visto o que eu vi...” Também, a gente ia lá espiar as grades que estavam tortas e diziam que o diabo tinha passado por lá. Mas não lembro da história. Ninguém passa por lá sem ter uma lição de vida.

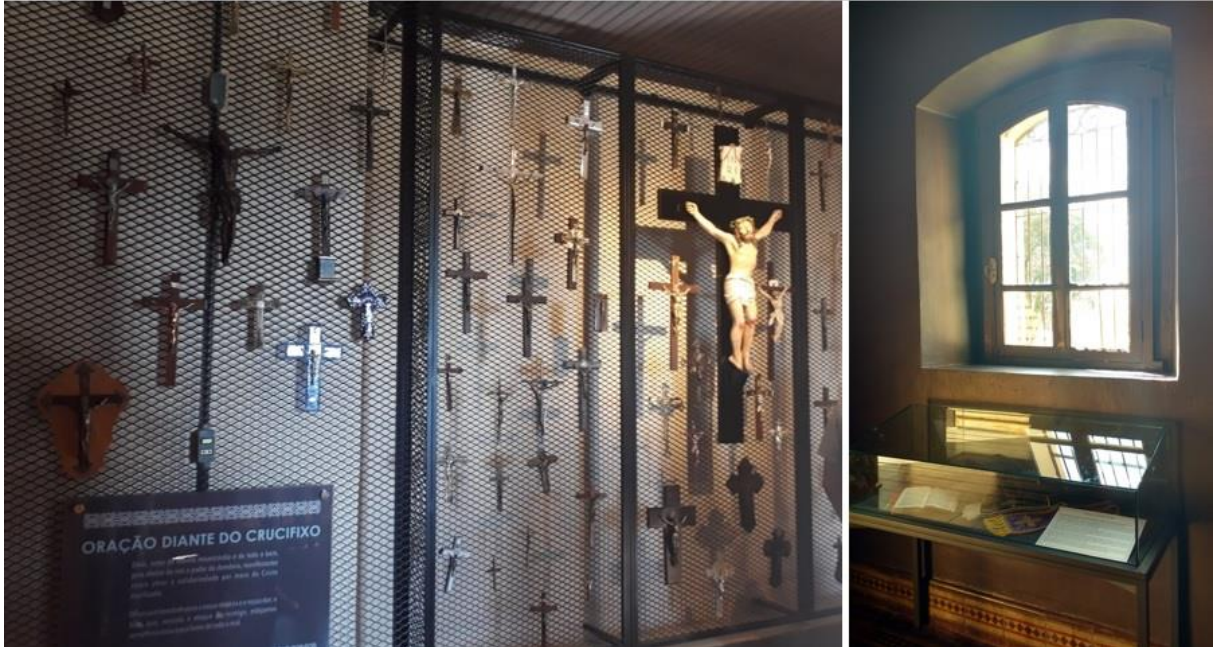
O imaginário assim, trabalha como uma forma de representação conjunta, onde de certo modo se constrói uma nova realidade por meio de processos de subjetivação individuais e coletivos, como questões sociais e históricas (PESAVENTO, 2003). Além disso, permite que a história seja transmitida de geração em geração, possibilitando uma forma de preservação na qual a comunidade age diretamente, e registra questões sensíveis, construindo realidades representativas da comunidade (Idem, 2003).

Nesse contexto, pode-se observar como o Espaço Livrai-nos do Mal foi concebido a partir da representação imagética existente no imaginário popular acerca desses tipos de rituais, o que é evidenciado no texto expográfico que se inicia com a frase “De acordo com relatos [...]” e por meio do cenário repleto de crucifixos (Figura 15).

Ainda há um confessionário que, juntamente aos textos expositivos, transmite ao visitante a importância da remissão dos pecados para a vitória do bem sobre o mal, e os objetos utilizados pelo Padre Teodoro Portolan no ritual, na qualidade de acervo testemunho do ocorrido. A vitrine está disposta abaixo da grade distorcida sobre a qual circula a história que o espírito maligno teria deixado a sala. Para além dos objetos, o próprio espaço se caracteriza como um testemunho material, capaz de operar uma mediação entre tempos diferentes, já que comunica o passado e o

presente a partir da criação de um cenário que recria a aura do ritual ocorrido (GONÇALVES, 2015).

Figura 15 - Espaço Livrai-nos do Mal



Fonte: Da autora, 2018.

Portanto, a sala compõe um lugar que direciona para além do caráter expositivo, sinalizando uma lição de moral aos que creem, e um aspecto religioso instigante ao que não são religiosos, já que normalmente esses processos são omitidos pelo catolicismo. A utilização dessas memórias sensíveis pela instituição revela um meio de catolicizar através da inquietação com o evento.

Ademais, ao lado direito da capela se encontra a Sala Santo Sepulcro, representando a caverna na qual Jesus Cristo reencarnou. Consoante com a Figura 16, na qual um visitante lê o texto expográfico, enquanto toca a imagem de Jesus Cristo, é possível observar como esse cenário, diferente dos espaços museológicos que impedem o toque, adquire um aspecto quase mágico, no qual o visitante contempla e interage de modo sensível perante a representação (GONÇALVES, 2003).

Figura 16 - Sala Santo Sepulcro

Fonte: Da autora, 2018.

Posteriormente, seguiu-se em direção à Torre do Campanário (Figura 10 - n.3), que se encontrava fechada, mas onde pôde-se avistar uma placa informativa com os dados sobre os sinos ali alocados. Cada sino, conforme a Figura 17, possui um tom, um peso e uma oração correspondente.

Figura 17 - Placa informativa da Torre do Campanário



Fonte: Da autora, 2018.

A Torre mais uma vez reafirma a identidade da comunidade segundo sua historicidade contada no capítulo anterior, e para além disso, em função da relação que o badalo dos sinos estabelece com os moradores do seu entorno, os concebe simbolicamente, conforme relato:

Sabe de uma coisa, há muito tempo não temos sofrido com desastres ocasionados por tempestades fortes. Quando o sino toca, as nuvens se desfazem ou se afastam para bem longe. A 'nona' foi visitar uns parentes e logo sentiu falta dos badalos. Disse que estava sentindo muito falta de alguma coisa, mas não sabia o que. E, quando olhou para fora da casa, olhou longe, longe. E a pergunta veio rápida: Como se consegue viver aqui sem o barulho de sino algum? (apud SILVA; LOPES, 2016, p.58-59)

Dessa forma, se cria uma relação de afeto com o objeto, que permite a sensação de pertencimento aos moradores do entorno do Santuário, em razão da sonoridade que se faz presente nos eventos religiosos, nos avisos de falecimento, ou em dias com risco de temporal (VENDRÚSCULO, 2015).

Os sinos, então, se estabelecem como o modo da comunidade se comunicar com as forças da natureza, sendo, conforme Gonçalves (2015) uma forma de patrimonialização que não necessariamente se guia pela questão identitária, mas ainda como um meio de interação e, mais especificamente, de subsistência, levando em conta a importância da viticultura para esse grupo social. Para além disso, se estabelecem como o único meio de transmissão de informações por mais de 50 anos.

A visitação continuou em direção ao Santuário de Caravaggio (Figura 10 - n.4), construído na década de 1940 por meio da idealização do Padre Teodoro Portolan e o auxílio da comunidade. Nele, um contingente significativo de pessoas participava da celebração eucarística, mas havia alguns que estavam enfileirados, ao lado esquerdo do altar-mor, esperando a oportunidade para tocar na imagem de Nossa Senhora, concebida pelo escultor Pietro Stangherlin. A imagem estava afixada à uma base de madeira, próxima ao quadro trazido pelo imigrante Natal Faoro, e rodeada por ramalhetes de flores, provavelmente deixados pelos fiéis (Figura 3). Ainda haviam os que observavam a nascente de água subterrânea, visualizável através de um bloco de piso transparente; os que se preparavam para a confissão com um clérigo que estava de prontidão; e os que pediam às freiras, em uma bancada específica, para que anotassem nomes a fim de serem incluídos nas preces.

Portanto, nesse espaço destacaram-se diversas dinâmicas ritualísticas que ocorriam concomitantemente em vários pontos, ao passo que se mantinham as rezas e as conversas paralelas em tom de voz mais baixo, a fim de não atrapalhar esses processos. Estava se configurando assim, um espaço sacro, no qual ainda mais fortemente que os outros locais comentados, a mediação entre as pessoas e o plano espiritual se fazia efetiva.

Nesse sentido, o ritual se estabelece como uma performance encenada e reencenada devocionalmente, que reafirma a identidade de um grupo social e integra agentes exteriores à essa cultura, servindo como uma forma simbólica de manifestação religiosa (SILVA; LOPES, 2016). Portanto, a aura do Santuário se fez palpável devido à presença das pessoas e de suas respectivas relações com o local.

A visita se deu ainda pela parte externa do Santuário (Figura 10 - n.5) onde se observaram os jardins, o estacionamento e a loja, locais pelos quais as pessoas

se distribuía observando a paisagem, a arquitetura ou interagindo entre si. Ainda, havia os que enchiam recipientes com a água benta que vertia das torneiras.

A área exterior é onde as pessoas se distribuem ao chegarem das romarias. A romaria se caracteriza essencialmente como uma peregrinação em torno de uma materialidade considerada sagrada, seja um local ou um objeto. Contudo, sua amplitude alcança o intangível, culminando em relações interpessoais e individuais aos peregrinos, a exemplo de momentos de interiorização, contemplação da paisagem, círculos de conversa que se estabelecem ao longo do percurso - relacionados, ou não, à questão religiosa e memorialística -, oportunidade para publicidade, movimentos turísticos, enfim, pode-se observar tanto atores endógenos, quanto exógenos à manifestação religiosa, configurando um local de coexistência cultural (SILVA; LOPES, 2016).

A romaria caracteriza-se também o fato de que apesar de ser um movimento essencialmente religioso, a participação comunitária extrapola esses limites, em função de que há grupos que se organizam para participar apenas com o objetivo de exercitar-se, ou simplesmente, integrar-se a uma atividade coletiva:

[...] Aqui em Caravaggio as pessoas vão porque todo mundo vai. Como eu te falei, tem alguns que vão porque pagam promessas, outros vão para ver mesmo. Acabam indo porque todo mundo vai. (Fernanda apud SILVA; LOPES, 2016, p.128)

Para além disso, se fazem presente bancas que vendem alimentos, bebidas ou objetos religiosos, fazendo com que o evento também sirva como forma de comércio e publicidade, o que faz com que os caracteres religioso e profano atuem em proximidade (LOPES; SILVA, 2012). Segundo Rodrigues (2018, doc. eletr.) a romaria é:

Muito boa, também pelos recursos disponibilizados de organização, água e banheiro disponibilizados pela repartição pública, parte privada de ônibus para retorno, da comunidade onde os escoteiros ajudam em vários pontos com distribuição da água e se precisar de algum apoio de descanso. A comunidade em volta do santuário e pelo caminho comercializa produtos, aproveitando da ocasião de muitas pessoas que passarão pela região.

Desse modo, o evento movimenta a economia local, sendo essencial quanto à própria subsistência da comunidade, o que enfatiza a importância da patrimonialização da romaria, que foi registrada à nível municipal pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural como Bem Cultural de Natureza

Imaterial de Caxias do Sul, justificando que “A fé que faz existir a Romaria é um bem intangível, realizado sobre uma estrada que, há mais de um século imprime, em seu chão, os milhões de passos peregrinos” (CAXIAS DO SUL, 2016, doc. eletr.).

Mais especificamente, no dia 2 de fevereiro ocorre a Romaria Votiva, referente às graças e pedidos do setor agrícola. Segundo relato de Silva; Lopes (2016, p.82):

Ao chegarmos ao Santuário, para acompanhar a romaria votiva ocorrida em 02 de fevereiro de 2014, as máquinas agrícolas já estavam sendo enfileiradas em frente à esplanada, perto das 10h00min. O dialeto italiano, *talian*, era empregado pelos agricultores para manter uma maior familiaridade entre aqueles que pertenciam à localidade. [...] O chapéu de palha diferenciava os agricultores dos demais devotos e turistas ali presentes. Mas sempre que retomávamos com o Sr. Pandolfo, o mesmo afirmava, ‘mas Renato, nós somos tudo italiano’.

Assim, destaca-se como esse é um movimento de reafirmação identitária do grupo social, no qual se participa dessa grande festividade que, em partes, encena e difunde a história e a cultural local. Esse espaço também possibilita a construção da identidade e a ratificação do sentimento de pertença do indivíduo perante um grupo, o que é visualizável na perspectiva de Ferrari (2018, doc. eletr.): “Para mim o Santuário representa um lugar de Fé e união das famílias e da comunidade, um lugar de paz e comunhão que enriquece nossa região pelo seu grande acervo religioso”. Segundo Lima e Castilho (2012, p.268):

A inscrição entendida como Patrimônio e transmitida pelo processo cultural condensa uma visão que une gerações, guardando a relação fixada do tempo com o espaço da cidade. É dessa relação ancorada na memória que a cidade marca o legado e aponta para a inscrição da identidade, figurada, seja pela terra natal, pátria, ou a terra escolhida por aquele que vende outro lugar e permanece, determinando o local de pertencimento.

Nesse sentido, o conjunto de referenciais que se instituem como marcos na história do grupo são classificados como patrimônio, que representam a memória, o imaginário e a história do coletivo (LIMA; CASTILHO, 2012). Conforme Figura 18, o chapéu de palha aparece como um referencial importante na história do imigrante italiano na atividade agrícola.

Figura 18 - Romaria Votiva



Fonte: SILVA; LOPES, 2016, p.83

A visita findou aos fundos do Santuário, onde se encontrou a escultura da santa que foi considerada feia (Figura 19), agora com outros traços, e visitou-se o cemitério da comunidade, onde pôde-se observar o túmulo do Padre Teodoro Portolan, conforme descrito, importante personagem na história de Caravaggio, e as capelas das famílias tradicionais da comunidade.

Figura 19 - Vista aos fundos do Santuário e escultura da Santa em produção



Fonte: Da autora, 2018.

A trajetória de Caravaggio permeia a história da comunidade em seu entorno, constituindo um modelo devocional singular e tradicional, que é constantemente exercitado, por meio das romarias, do imaginário popular, dos manifestos sociais, e outras dinâmicas que ocorrem no espaço. Nesse cenário, a comunidade patrimonializa esse complexo de edificações por meio de sua presença e as relações que estabelece, seja deixando um ex-voto no Memorial ou contemplando as salas expositivas.

A imaterialidade dos relatos e fragmentos da memória coletiva torna-se tangível a partir desses processos e legitima o espaço como um agente identitário da cultura local. Para além disso, o processo inverso também ocorre, já que a materialidade incita uma série de fenômenos rituais e celebrações no território, que impactam consideravelmente aspectos turísticos, econômicos e culturais da comunidade. Juntamente, esses bens compõem um conjunto patrimonial de relevância social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar as relações estabelecidas entre comunidade, visitantes e o Santuário de Caravaggio, diante de uma concepção patrimonial. Inicialmente, identificaram-se aspectos no quais se percebeu essa relação, tanto histórica, como culturalmente, reconhecidos através da trajetória do complexo de Caravaggio e seu entorno.

Essa trajetória se iniciou ainda na Itália, onde toda a contextualização política e econômica, fez com que os movimentos migratórios se iniciassem rumo ao Brasil, cenário propício para a recepção de mão de obra, essencialmente branca. Então, em Farroupilha, antiga Nova Vicenza, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos em 1875 e seu respectivo assentamento na Linha Palmeiro foram construídos ao longo dos anos os processos que envolvem a construção e reafirmação identitária desses imigrantes enquanto comunidade.

Essa construção se baseou essencialmente na questão religiosa, trazida como herança da Itália e que demandou a construção do primeiro oratório, posteriormente a primeira capela, e então a capela em alvenaria de 1890. Essa última edificação se tornou um aspecto significativo no trabalho, ao passo que, sua construção se deu com o auxílio da comunidade, tanto em relação a recursos materiais, como com mão de obra; foi o local selecionado pelas pessoas para destinarem seu ex-votos; e atualmente abriga as salas expositivas Espaço Livrai-nos do Mal e Sala Santo Sepulcro.

No caso dos ex-votos, foram transportados para uma edificação inaugurada em 2017, denominada Memorial dos Devotos, onde há um projeto expográfico que enfatiza a importância dos objetos na história do complexo de Caravaggio, ao mesmo tempo, que permite à comunidade um sentimento de pertença ainda maior ao lugar. O presente trabalho coletou alguns trechos e relatos da comunidade e visitantes que atestaram a importância desse rito em torno dos ex-votos, organizado pelas próprias pessoas, no qual são materializadas graças alcançadas, criando-se uma mediação entre o plano terrestre e espiritual para os fiéis e assim, desenvolvendo uma noção de patrimônio que transcende o mundo físico.

Outro rito marcante descrito e expressivo no estudo foram as romarias, nas quais participam fiéis, turistas e curiosos do Brasil e países vizinhos, decorrentes desde o considerado “milagre da chuva” em 1899. O movimento demonstrou-se

importante perante a reafirmação identitária da comunidade, mais especificamente na romaria votiva, e também em função do fomento econômico e turístico que propicia. Isso se fez evidente novamente nos trechos e entrevistas coletadas em que se notou a participação política da comunidade, inclusive em embates municipais na busca pelo desenvolvimento e modernização do rito. Nesse sentido, o patrimônio se direcionaria para uma perspectiva relacionada às posses e recursos desse povo, complementando sua própria subsistência.

Esse papel político destacou-se também no caso da “santa feia”, no qual após instaurada a indignação coletiva diante do monumento à Nossa Senhora de Caravaggio e Joaneta, as pessoas juntaram recursos a fim de substituí-la, já que a partir do momento em que não houve identificação por parte do grupo social majoritário, gerou-se uma série de embates, sancionando novamente à questão identitária patrimonial.

Ainda se deu a identificação de uma relação relevante perante o Santuário enquanto patrimônio no âmbito do imaginário, no qual circula o caso de exorcismo de 1947, transmitido oralmente de geração em geração, conjuntamente a uma série de relatos sobre eventos ocorridos no espaço. O imaginário auxilia na criação de uma aura em torno do Santuário, que atrai ainda mais frequentadores para o espaço.

Nessas situações pôde-se perceber como a comunidade se colocou como presente ao longo da história, até os tempos atuais e as conclusões obtidas perante os fatos históricos e o imaginário foram corroborados por meio das entrevistas e relatos da comunidade e visitantes.

Compreendeu-se como as dinâmicas populacionais com o local fazem com que ele seja patrimonializado a partir de relações intangíveis, processo que ocorre a todo momento. Percebeu-se que a comunidade é agente essencial na constituição histórica e cultural de Caravaggio na perspectiva de território, e para além disso, tem papel político à medida que participa ativamente de reivindicações e eventos que ali ocorrem.

Notou-se que a Igreja reconhece a importância da comunidade e seus frequentadores à medida que reitera a participação desses grupos nos textos informativos de suas salas expositivas e nas tentativas de modernização dos espaços e do *website*, valorizando os frequentadores e buscando alcançar os mais variados nichos, estabelecendo-se uma relação mútua de cooperação.

Uma questão a ser aprofundada seria a identificação e uma aproximação na história das famílias que participaram ativamente no percurso da instituição, já que se possui o registro das mesmas por meio de nomes de ruas, pequenos negócios instalados na região e em fontes documentais. Essas famílias, estabelecidas em zona rural, normalmente preservam fortemente as tradições de seus antecedentes, o que permitiria uma análise mais específica da perspectiva que possuem.

Outro tema relevante seria focado nos turistas, mais ativos em períodos de romarias, que normalmente frequentam o espaço com intuítos diferentes dos da população local, e que visualizam o complexo de Caravaggio enquanto patrimônio de outra forma. Esses turistas foram percebidos como importantes no fomento econômico da microrregião e potenciais alvo de difusão cultural.

A aproximação com o tema permitiu a concepção da dimensão que Caravaggio possui para as pessoas, especialmente a comunidade do seu entorno, e o entendimento de que as formas de relações estabelecidas se demonstram efetivas na patrimonialização do espaço, enquanto complexo de edificações, sendo essa materialidade valorizada a todo momento por meio das dinâmicas coletivas.

Portanto, foram identificadas relações diversificadas com o Santuário, mas que igualmente se centralizam no espaço, seja na posição de fiel ou visitante. Para cada um, esse espaço é viabilizado de modos variados, podendo se estabelecer como local sacro, ponto turístico, ou destino de peregrinação, mas sempre sendo concebido como patrimônio. Os questionamentos e estudos realizados, entretanto, possibilitaram que se figurasse o inverso, ou seja, nos alicerces de todo o território de Caravaggio está um patrimônio que vai para além de sua tangibilidade, a própria comunidade.

REFERÊNCIAS

BELIANI, Elisama; SCHEINER, Tereza. A relação da Museologia com o meio ambiente e os Parques Nacionais. In: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia G. de Souza (Orgs.). **XXI Encontro Regional do ICOFOM LAM**, 2012. p.248-260. Disponível em: <http://www.mast.br/pdf/livro_de_resumos_iv_siam.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CAXIAS DO SUL. **Dossiê Interpretativo**: Romaria de Nossa Senhora de Caravaggio. Caxias do Sul, 2016. [Bem Cultural de Natureza Imaterial de Caxias do Sul].

CASTILHOS, Janete de Fátima. **Entrevista 1** [nov. 2018]. Entrevistadora: Luiza Ambrosi Rodrigues. Bento Gonçalves, 2018. 1 arquivo mp3 (8min.03s.).

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. Museologia e patrimônio nas cidades contemporâneas: uma tese sobre gestão de cidades sob a ótica da preservação da cultura e da memória. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 87-101, jan.-abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a07v7n1.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

DECÓ, Ermínio Dall'agnol. **Linha Palmeiro**: Microrregião de Colonização Italiana Bento Gonçalves e Farroupilha - RS. Canoas: Escola Profissional La Salle, 1994.

FERRARI, Paulo Ricardo. <p*****@hotmail.com>. **Entrevista sobre o Santuário de Caravaggio**. 23 de out. 2018. Mensagem para <l*****@outlook.com> em 31 de out. de 2018.

FRANTZ, Ricardo André. **Antonio Cremonese “Revisitado”**, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/5241881/Antonio_Cremonese_revisitado_>. Acesso em: 19 nov. 2018.

GUARILHA, Hugo; SCHEINER, Tereza; FAULHABER, Priscila. Questões sobre Museologia e Patrimônio. In: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia G. de Souza (Orgs.). **XXI Encontro Regional do ICOFOM LAM**, dezembro 2012. p.143-157. Disponível em: <http://www.mast.br/pdf/livro_de_resumos_iv_siam.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos et al. O patrimônio como categoria de pensamento. In: CHAGAS, Mário; ABREU, Regina (Org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 25-33.

Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: Identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p.211-228, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0211.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

GOOGLE IMAGENS. **SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO**, 2016. Disponível em: <http://farroupilha.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/img_8237-1.jpg>. Acesso em: 12 nov. 2018.

GOOGLE MAPAS. **FARROUPILHA**, 2018. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Farroupilha,+RS,+95180-000/@-29.2233283,-51.3750544,13z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x951ea084f6c184db:0xeba370db94d5e1b!8m2!3d-29.2231867!4d-51.3423619>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

IPHAN. Portaria nº 179, de 30 de abril de 2009. **Estabelece A Chancela da Paisagem Cultural Brasileira**. Brasil, Seção 1. Disponível em: <http://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-127-2009_214271.html>. Acesso em: 12 nov. 2018.

LAZZARI, Nátali Cristina. **Escultura Religiosa na Colônia Caxias**: um estudo sobre a obra de Pietro Stangherlin e Tarquinio Zambelli. 2013, 256p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Instituto de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LIMA, Diana Farjalla Correia; CASTILHO, Emerson Ribeiro. Tramas da Memória: entrelaçando as ideias de Patrimônio e Museu no Corpo da Cidade. In: SCHEINER, Tereza; GRANATO, Marcus; REIS, Maria Amélia G. de Souza (Orgs.). **XXI Encontro Regional do ICOFOM LAM**, 2012. p.143-157. Disponível em: <http://www.mast.br/pdf/livro_de_resumos_iv_siam.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

LOPES, José Rogério; SILVA, Adimilson Renato da. Santuário de Caravaggio e a modernização de espaços sacralizados: Notas etnográficas de uma romaria na serra gaúcha. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 17, n. 14, p.105-132, jul. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/viewFile/28452/24622>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

NUNES, Emílio. Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio chamada de “feia” será remodelada. **Leouve**, 2017. Disponível em: <<https://leouve.com.br/estatua-de-nossa-senhora-de-caravaggio-chamada-de-feia-sera-remodelada/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Ex-votos do Brasil: religiosidade, patrimônio cultural, memória social. **Anais dos Simpósios da ABHR**, São Luís, v. 13, p.1-12, 2013. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/385/320>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

PASA, Guálter. **Padre Theodoro Portolan**: Santuário de Caravaggio. Caxias do Sul: Maneco, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995, p.9-27. Disponível em: <http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14>. Acesso em: 13 maio 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 82p.

PIONEIRO. **Missa celebra revitalização de antigo santuário de Caravaggio, em Farroupilha**. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2012/08/missa-celebra-revitalizacao-de-antigo-santuario-de-caravaggio-em-farroupilha-3864392.html>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

RIGON, Roni. **Um mês depois, vândalos da santa de Caravaggio, em Farroupilha, não foram identificados**, 2016. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2016/02/um-mes-depois-vandalos-da-santa-de-caravaggio-em-farroupilha-nao-foram-identificados-4966759.html>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

RODRIGUES, Thomaz Henrique de Souza. <|*****@hotmail.com>. **Entrevista sobre o Santuário de Caravaggio**. 08 de ago. 2018. Mensagem para <|*****@outlook.com> em 10 de ago. de 2018.

ROLT, Clóvis da. Ave Maria, cheia de desgraça...: Notas sobre o rechaço ao Monumento a Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha - RS. **Antares**: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v.7, n.13, 2015, p.198-225. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3215/1845>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: CHAGAS, Mário; ABREU, Regina, (Org.) **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 49-58. Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.

SANTUÁRIO.ORG. **Capela Virtual**, [s.a.]. Disponível em: <<http://caravaggio.org.br/capela-virtual/>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

SILVA, Adimilson Renato da; LOPES, José Rogério. **A devoção a Nossa Senhora de Caravaggio na serra gaúcha: das maneiras de negociar a realidade e expressar a fé**. Porto Alegre: Editora Cirkula, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/302036891_A_devocao_a_Nossa_Senhora_de_Caravaggio_na_serra_gaucha_das_maneiras_de_negociar_a_realidade_e_expressar_a_fe>. Acesso em: 10 maio 2018.

SOARES, Bruno Brulon. Paisagens culturais e os patrimônios vividos: vislumbrando a descolonização, para uma musealização consciente. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/563/542>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SUL, Prefeitura de Caxias do. **COMPANH aprova Romaria de Caravaggio como Bem Cultural de Natureza Imaterial de Caxias do Sul**. 2016. Disponível em: <<https://caxias.rs.gov.br/noticias/2016/06/compahc-aprova-romaria-de-caravaggio-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-de-caxias-do-sul>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

TIEPPO, Maria Luiza Zanatta. **Entrevista 2** [nov. 2018]. Entrevistadora: Luiza Ambrosi Rodrigues. Bento Gonçalves, 2018. 1 arquivo mp3 (6min.65s.).

VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: Ficção ou Realidade. In: CULTURA, Secretaria Municipal de (Comp.). **Museologia Social**. Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 2000. p. 21-33.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local**. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256 p.

VENDRÚSCULO, Ivone Foletto. **Caravaggio, cinquenta anos de trabalho e fé!** Caxias do Sul: São Miguel, 2015. 248 p.

ZORZI, Dom Benedito. **Nossa Sra. de Caravaggio no Brasil**. Caxias do Sul: Mitra Diocesana de Caxias do Sul, 1986.

APÊNDICE A - Termo de Autorização para Uso de Informações**TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, _____, concordo em participar como sujeito colaborador da pesquisa desenvolvida por Luiza Ambrosi Rodrigues para a elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no bacharelado em Museologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Gelmini de Faria. Fui informado sobre o estudo que tem como título *SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO: A potencialização patrimonial de um espaço edificado a partir das relações da comunidade*. Assim, autorizo a utilização das informações que concedi à pesquisadora, incluindo sua reprodução total ou parcial no TCC, em suporte de papel ou digital, com finalidade de colaborar com o estudo.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2018.

APÊNDICE B - Estrutura da Entrevista 1

- 1 - Que memórias você guarda do Santuário de Caravaggio?
- 2 - Como foi sua experiência nas romarias que participou?
- 3 - Na sua opinião, que relações são estabelecidas entre [a comunidade, os visitantes] com o Santuário?
- 4 - O que o Santuário de Caravaggio representa para você?

APÊNDICE C - Estrutura de Entrevista 2

1 - Como você/ sua família chegou na região serrana?

2 - Que memórias você guarda do Santuário de Caravaggio?

3 - Você conhece histórias da comunidade relacionadas com o Santuário de Caravaggio? [Exorcismo, Santa Feia, Memorial dos Devotos]

4 - Na sua opinião, que relações são estabelecidas entre [a comunidade, os visitantes] com o Santuário?

5 - O que o Santuário de Caravaggio representa para você?

6 - Você considera o Santuário de Caravaggio um patrimônio cultural [da comunidade, da cidade, do Estado, nacional]? Por quê?